



O

ALABAMA



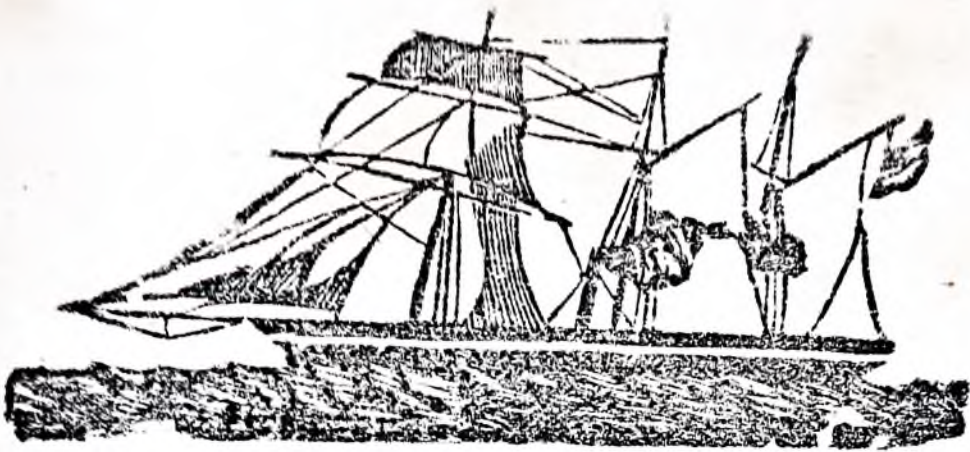
1865

A

1867



H. B.



O ALABAMA

PERIÓDICO CRÍTICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 2 DE FEVEREIRO DE 1867. SERIE 16.^a—N.º 159

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronópolis, bordo do *Alabama* 30 de fevereiro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. superintendente do matadouro, dizendo que nos informam que nessa repartição existem sete pesos de duas arrobas inexactos, faltando em cada um cerca de duas libras, o que a ser verdade, cumpre que S. S. quanto antes faça desapparecer semelhante inconveniente, cujo prejuizo vem a recahir sobre o povo.

—Ao Illm. Sr. inspector da illuminação, pedindo a sua interferencia para que seja collocado no seu respectivo logar o lampeão n.º 1015, o qual ha muito que se acha arrancado.

—Que tumulto na frente do portão do quartel da Palma!

—E' o forçado Seraphim que faz toda aquella bramura.

—Ameaça de metter o chicote em dous sujeitos.

—Pois ás 8 horas um preso na rua!

—Creio que é por que falta pouco para elle cumprir a setença e por isso dão-lhe liberdade.

—Por estas facilidades, é, que não ha muito, um forçado esfaqueou uma mulher.

—Estou lembrado.

—Aquillo não parece quartel: uma caterva de negras a gritarem tambem, outras aos *detens* com os soldados, que estão sentados em bancos do lado de fora e o Seraphim nos *aguaceiros* a fazer das suas.

—Si agora passa por ahi o commandante das armas, tinha que apreciar boas cousas.

—Publicou-se em Cachoeira o 1º numero do *Americano*, jornal politico noticioso, litterario e commercial.

Desejamos-lho longa vida.

—Sabe a razão porque na noite do incendio, houve tanta demora nos socorros que deviam sabir do arsenal de marinha?

—Não.

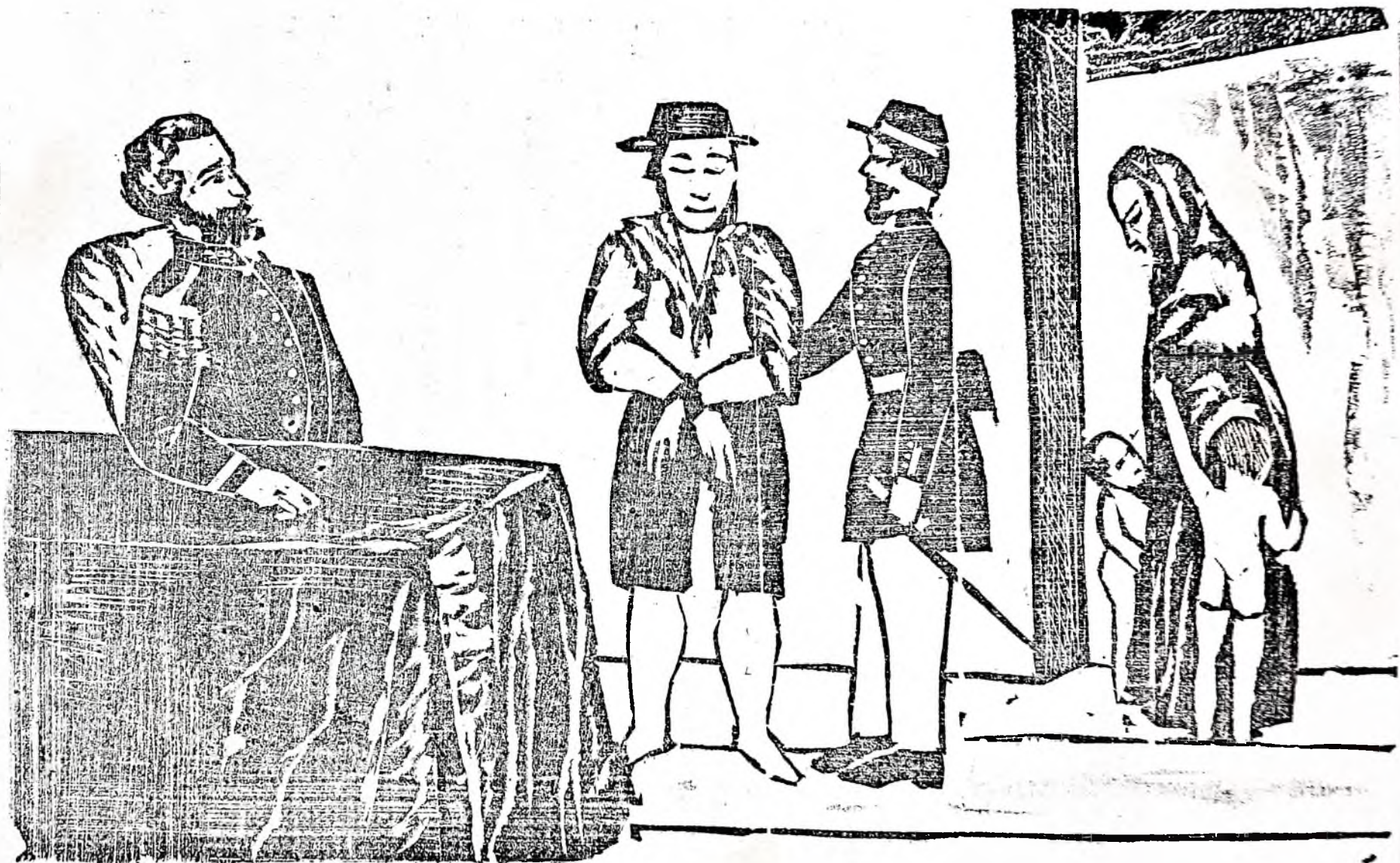
—Pois disseram-me que foi pelo seguinte:

O inspector estava no Bomfim, o seu ajudante não sei onde, o patrão-mór com licença, o vice-patrão doente, um que faz as vezes fóra.

—Então estava aquillo a matroca, sem rei nem Roque?

—Não sei; isso foi o que me disseram.

—Si é verdade, vae bem aquella case.



Matuto — Venho me valer de V. Ex., Sr. capitão do *Alabama*, pedindo-lhe para que me restitua a liberdade.
Capitão — Quem o prendeu?
Matuto — Foi o subdelegado do lugar, que me recrutou para *voluntario*, por que eu disse que não votava na chapa *liberal-progressista*.

(Imitado)

LA VAE VERSO.

BALADA.

Este brado, que d'além
 Nos veiu aqui despertar,
 E' um gemido na guerra,
 Que um fillo de nossa terra
 Pôde, expirando, soltar.
 Os covardes se esconderam,
 Os infames galhofaram;
 Mas os briosos—unidos—

De suas armas cingidos
 Do echo o ruao tomaram.
 Lá se foram diligentes
 A' seus irmãos ajudar,
 Tão desvelados guerreiros,
 Outros tantos brasileiros,
 Que a morte vão afrontar.
 Prantos por elles vertidos,
 Não os fez mais recuar,
 E surdos ao interesse,

Que tanto ao homem envilece,
Nobres souberam marchar.

Par veredas escabrosas
Vão sua vida arriscando,
Perseguidos da metralha,
Que como o orvalho se espalha,
Uns ferindo, outros matando.

Té que por fim sôa a hora
Do belicioso festim,
E travando-se a pelja
Do ferro, o fogo traveja
Ao sonoro clarim.

Tudo despreza o soldado,
Quando sorrilhe a victoria,
Tudo p'ra elle é ventura
Zomba até da sepultura
N'esse momento de gloria!

E assim la perdem a vida
Mil denodados guerreiros,
Quando por cá *fracathões*,
Só auinando os galões
Cantam de altivos poleiros.

O Zagal.
(Extr.)

A PEDIDO.

CHAPA LIBERAL-PROGRESSISTA DO CURATO DA SÉ.

Arnaldo Gentil Ibirapitanga, emp. pub.
Angelo José Ferreira Coelho, neg.
Balduino dos Santos e Oliveira, artista.
Caetano Alberto de Souza Seixas, distribuidor.
Dr. Deocleciano Soares de Albergaria, advogado.
Ernesto Hermelino Ribeiro, emp. pub.
Francisco Rodrigues Mendes, tabellião.
Tenente-coronel Fortunato José da Cunha Junior, neg.
Francisco José de Souza Pereira, procurador.
Francisco Leonardo da Conceição, artista.
Francisco Fructuoso Valongo, artista.
Dr. Gustavo Adolfo de Sá, emp. pub.
Des. Henrique Jorge Rebello, magistrado.
Capitão Ignacio Alberto de Andrade e Oliveira, emp. aposentado.
Innocencio da Conceição Miranda, artista.
Ignacio Calmon de Siqueira, proprietario.

Capitão Ignacio Manuel de Sant'Anna, artista.

Dr. José Joaquim dos Santos, advogado.
Capitão Jovino Cesar da Silva, emp. ap.
José Antonio Franco Lima, 1º tenente da armada.

Joaquim Antonio Dias, caixeiro.
Major Joaquim Domingues Lopes, emp. municipal.

Leopoldo Baptista de Souza, 1.º caixeiro.

Leolino Mendes, escrivão.

Manuel do Carmo e Silva, artista.

Manuel Luiz Barreto Falcão, neg.

Manuel José Esteves, artista.

Dr. Manuel José dos Reis, advogado.

Manuel da Natividade Moutinho, artista.

Coronel Nicolau Carneiro filho, proprietario.

Dr. Vicente Ribeiro de Oliveira, tabellião.

ELEIÇÃO DO CURATO DA SÉ

Em uma situação em que pela discrença geral difficilmente se distingue quem pertença a este ou aquelle partido politico, prestar exclusivo apoio somente a uma das duas chapas, que unicas disputam o eleitorado neste Curato da Sé, e aniquilar a outra, parece, pouco razoavel, e por isso alguns cidadãos imparciaes formam uma 3ª composta de pessoas escolhidas dentre aquellas duas em partes eguaes feixando-a com o nome de um ancião respeitavel, e abaixo vae publicada e offerecida á livre consideração daquelles que tiverem igual pensamento.

Chapa imparcial e popular para os eleitores do curato da Sé.

Arnaldo Gentil Ibirapitanga
Dr. Antonio Dias Coelho
Antonio de Barros Paim
Augusto Luiz Vianna
Major Antonio José de Souza Goveia.
Arsenio Rodrigues Seixas.
Balduino dos Santos Oliveira.
Ernesto Hermiliano Ribeiro.
Tenente Florencio Beijamim A. Pires.
Tenente Coronel Fortunato José da Cunha.
Tabellião Francisco R. Mendes.
Capitão Felipe Sant'Iago da Silva Baldaia.
Des. Henrique Jorge Rebello.
Congco cura João José de Miranda.
Capitão Ignacio Alberto A. Oliveira.



Pe TODO-LINDO

BARBOZA



TELLES



JE-COUTO

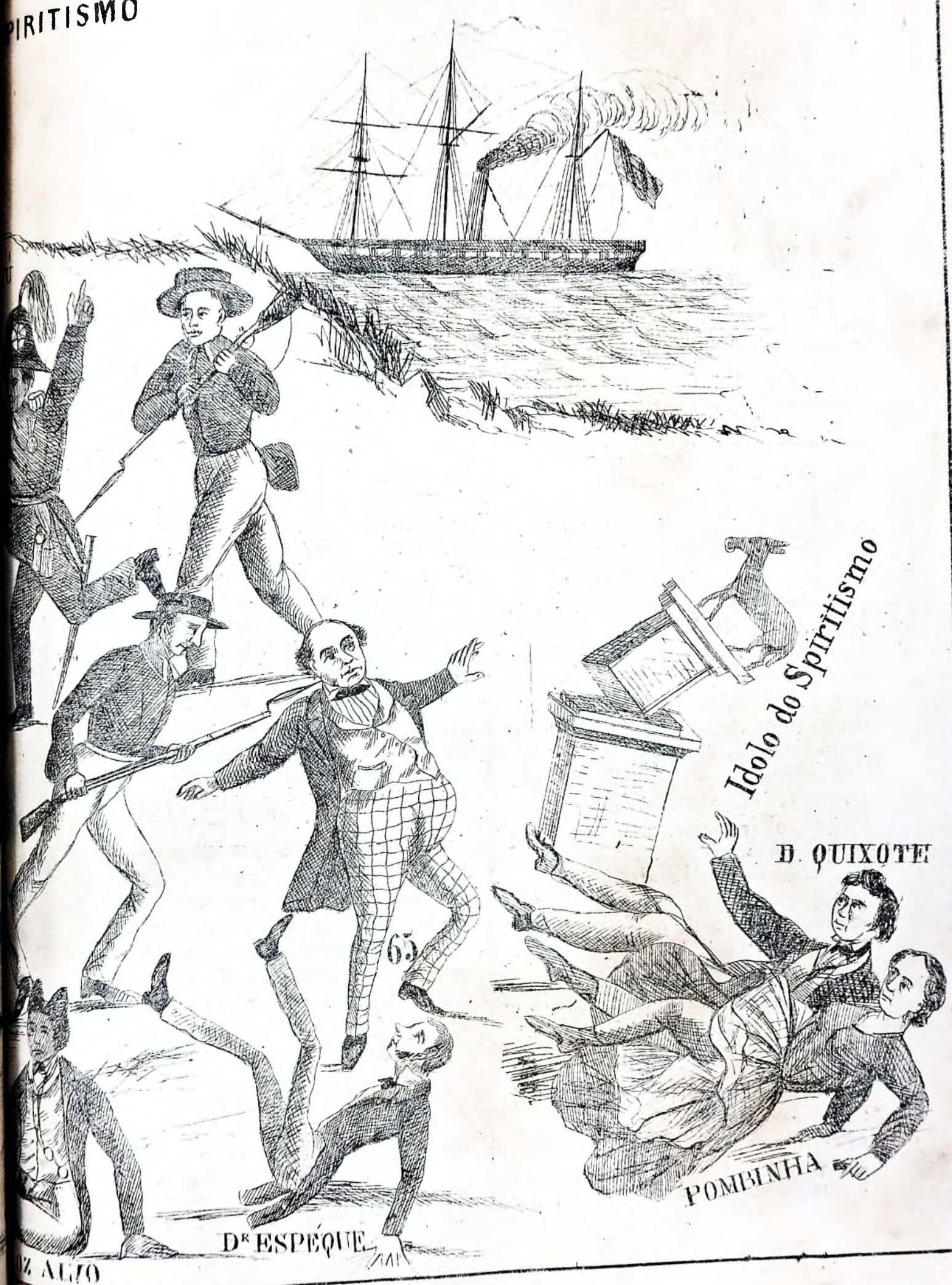


C. REIS



A

PIRITISMO



Idolo do Spiritismo

D. QUIXOTE

POMBINHA

D. ESPEQUE

ALTO

65

lhão; mas alguns guardas do 6º de bayoneta fora sobre o povo protegeram a fuga do cujo, e mais um senhor que appareceu á cavallo, com a theoria de que em dia de eleição não se prende.

— E os sujeitos não são conhecidos?

— Dous sabe-se que são caixeiros: o tal depois de preso puchou por uma facha enfronhou-se nella, e disse que era inepector da freguezia de S. Pedro.

— Ha quem vendo o sujeito, conheça-o?

— Muito.

— Pois eu no caso do chefe mandava vir todos os inspectores da freguezia para ver se conhecia o cujo.

— Tudo isso são effeitos de não se mandar para esses logares quem faça respeitar a ordem.

A PEDIDO.

O Spiritismo.

Já tardava a desmoronar-se a egrejinha, que erguera o astuto e desalmado Telles, para á custa dos espiritos fracos tornar-se millionario de um dia para outro, como o *livreiro do Palacio Real*, cujo insignificante negocio vae prosperando espantosamente pelo methodo — Kardeck, segundo o confessam os proprios spiritas na sua correspondencia inserta no *Diario da Bahia* de 26 de Setembro de 1865.

E' notorio que o infeliz 65, dias antes da horrivel catastrophe de que fôra victima, despendera no *Club-Telles* a quantia de cinco contos de reis, que lhes foram usurpados pelo anjo, á titulo de — exaltação da propaganda; acrescentando ainda, ter ja de outra vez recebido o mesmo anjo (conforme o ajuste) a quantia de dez contos de reis, quando effectuado certo casamento para o qual empenhara toda a sua omnipotencia.

Estes e outros factos que constantemente se reproduzem nas barbas da authoridade, longe de despertarem o cumprimento das leis, são pelo contrario apoiados por aquelles mesmos que á bem do socego publico devem por

um remato a semelhante ladroçeira.

Prasa o cou que, não se occulto nas dobras do veu do esquecimento o hediondo spectaculo que ha pouco testemunhamos, que não sejam infructiferos os clamores da desventurada familia do martyr, o qual embaído por artificiosos parasytas geme alienado em escuro carcere; que seja finalmente punida com severidade essa horda de vandalos que acobertando os seus interesses e crimes com o manto sagrado da nossa religião, vai impavida caminhando avante, deixando apòs si a — miseria e a desolação!!....

Dada a hypothese de que fosse veridica a doutrina spiritica, que não fosse diametralmente opposta á philosophia adoptada pela Igreja Catholica, a razão, e aos ditames da sabedoria antiga e moderna, lembrar-se-hia por ventura Deus, de confiar á sua propagação a homens impuros e até criminosos?!.....

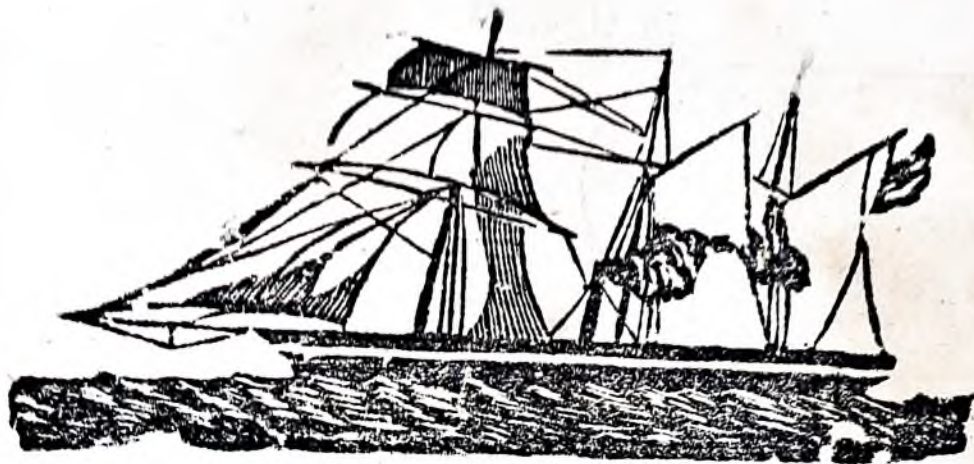
Esquecer-se-hia que o sangue de uns homens de *Piedades*, injusta e cruelmente derramado sobre as areias da barra onde o *Gil* morou na epocha da Sabinada, clama vingança contra o barbaro assassino? esquecer-se-hia da desgraçada esposa que da mesma sorte implora o castigo do monstro que a envenenara? esquecer se hia ainda, dos rogos da innocente victima dos libidinosos caprichos do malvado que a enganara? como pois escolher esses homens iniquos e dolózos para apostolos da sua religião?

Não está saltando aos olhos que a doutrina spiritica é infundada, que Mozart não possui palacios no planeta Jupiter, que o sol não é habitado pela dynastia de Herodes, que tudo isso é um escarneo uma comedia ridicula e revoltante, uma mentira escandalosa.

Avista pois de tantos absurdos e disparates, que a cada passo se encontram nos escriptos spiritas, rejeitamos semelhante doutrina por inverosimil e a consideramos uma segunda edição da *arte de furtar* do Padre Antonio Vieira.

(Continua.)

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna,



O ALABAMA

PERIÓDICO CRÍTICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 7 DE FEVEREIRO DE 1867. SERIE 17.^a—N.º 161

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de fevereiro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. inspector da illumination, pedindo uma providencia para que a companhia do G z mande accender o lampeão n.º 39, que ha muito está inutilisado.

—E' lastimavel o estado de porcaria em que se acha a fonte do Gravata!

—Que quer? A nossa camara não dá cavaco com essas cousas.

—As bicas estão quebradas e as aguas empoçadas e putridas.

—O publico que vá soffrendo; a edilidade occupa-se de questões mais altas.

—O Dr. Souto compra escravos moços e robustos, a um conto e duzentos cada um.

—Pois o Dr. Souto, um philantropo daquelle catadura, serve-se com gente escrava!

E para que quer elle tanta escravatura, que faz um annuncio tão amplo?

Si é para montar algum estabelecimento rural, por que não manda vir colonos?

—Homem, V. é que não sabe; são

escravos para a nação libertar e mandar para a guerra, que o Dr. Souto está encarregado de comprar.

—Ah! percebo agora; é uma commissão, que dá panos para mangas.

—Não lhe entendo,

—Quero dizer: é uma *commissão ardua e trabalhosa*, que so se faz por amor da patria.

— A companhia do Gaz ou é o symbolo do deleixo e laxidão, ou faz timbre de zombar do publico

—Si não lhe consentissem, ella não escarneceria com tanta sem cerimonia do publico.

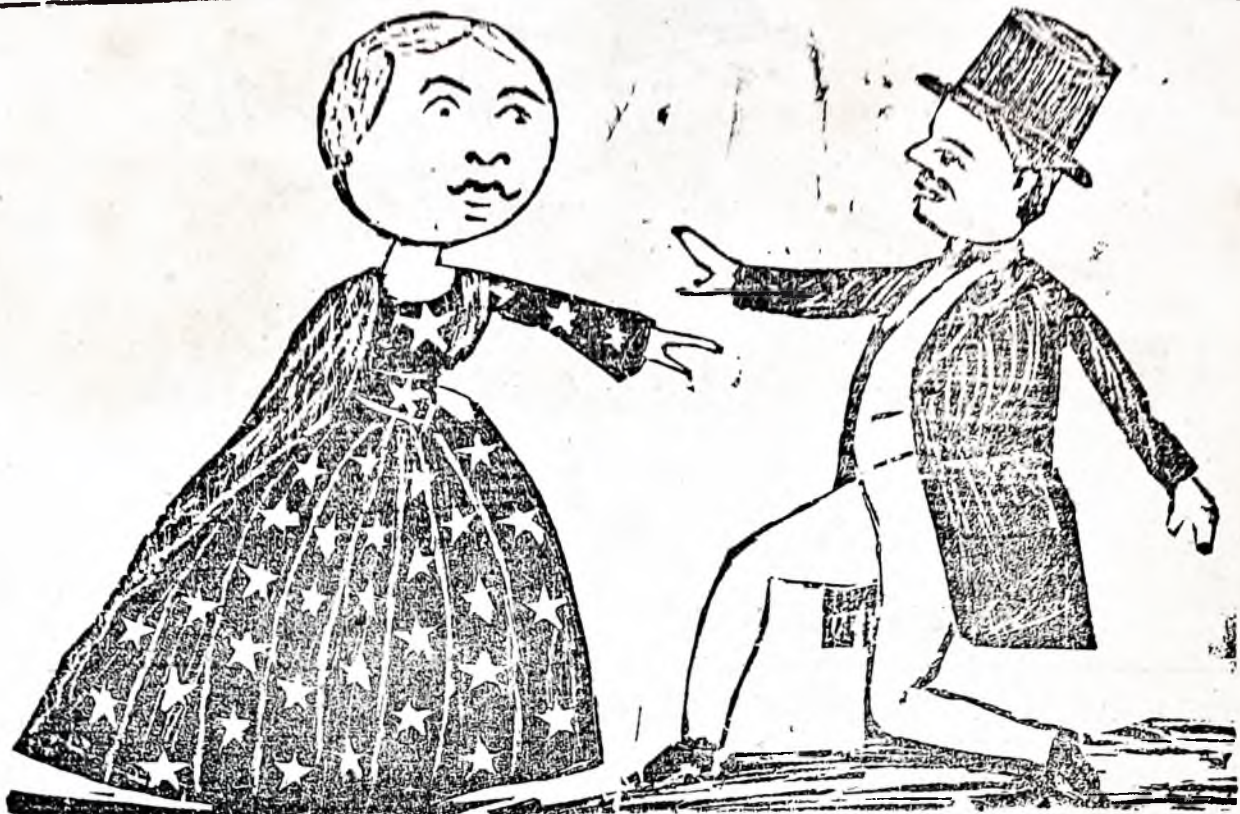
—Não ha noite, em que não hajam centenares de lampeões apagados e até ruas inteiras!

Ainda hontem toda a Travessa do Cruzeiro e parte da rua da Larangeira estava em trevas. Nas Mercez, eram 8 horas e haviam lampeões apagados, e assim outras muitas, que não podem chegar ao nosso conhecimento.

Veja como se faz justiça la por fora:

«Officio ao Exm. commandante das armas:

—Attendendo ao que me requereu Antonia Maria da Silva, provando ser casada com Maximiano Bispo da Cruz, que fôra recrutado para o serviço do exercito, do qua' por esse motivo, se acha isempto, tenho resolvido que tenha elle baixa do serviço militar e seja posto em liberdade.»



— Sr. Cyrillo, faça o favor de anunciar ao publico que eu não tenho contracto com o governo para allumiar nas noites de escuro, e que quem se achar prejudicado recorra á Companhia do Gaz

LA VAE VERSO.

— Venha cá, meu aspirante,
Chegue p'ra perto de mim;
Conte-me lá como foi
De lavagem do Bomfim.

— Sim Sr., meu capitão,
Vou descrever fielmente
Esse chistoso pagode,
Que abalou a tanta gente.

Na quarta-feira de tarde,
Acabado o expediente,
Fechei a secretaria,
F' e uroso e deligente.

Corri para o Caes Dourado,
Embarquei na machambomba;
Que, de passagem dirci,
E' uma empresa de arromba.

A minha amavel Simôa,
Minha antiga companheira,
Divertida como eu,
Foi desde segunda-feira.

Desembarcando no ponto,
Fui á casa da Constança,
Onde achei bom carurú,
Moqueca e boa pítança.

A noite passei n'um samba
Com Virginia e Magdalena,

Raymunda da Rua Nova,
Quiabo duro e Helena.

Assim que veiu raiando
A aurora matutina,
Entripámos mocotó,
Feito p'la Constantina.

Empurrei-me para o adro,
Depois de finda a papança;
A tomar apanhamento
De quem vinha p'ra festança.

O campo estava apinhado
De gente de toda laia,
Muito rapaz, muita moça
Porém, mais gente de saia.

La da rua do Tijollo
De creoulas uma sucia
Vinha pelos Dendezeiros
E atraz dellas a Lucia.

E trajavam uniforme
Todas de um gosto so:
Saia de *yaya do ouro*,
Lenço branco de filó

A fascinante creoula,
Com a saia arregaçada,
Fazia garbo em mostrar
A perna bem torneada.

Porém as de pernas finas,

Gravelos ou sambambaias,
 Prefiriam enlamear-se
 A levantarem as saias.

Eu estava derretido,
 Como manteiga no sol!
 Meu peito estava rendido,
 Qual outra Sebastopol.

Pouco mais das sete horas
 Principiou a patusca,
 Indo a sucia toda em pezo
 De lenha ao porto na busca.

Mareos barbeiro na frente,
 No *baixo* pintando a manta,
 Raymundo na sua trompa
 Um soberbo lundú canta.

João Quinto toca bumba,
 Marciano e Salvador
 Vão tocando clarineta,
 Olavo rufa tambor.

Como chefe da folia,
 Muito dengosa e gamenha,
 Vinha Maria das Vellas
 Trazendo um feixe de lenha.

Como ajudante d'ordens
 Toda cheia de me-deixes,
 Vem Candinha carregando
 De lenha dous grandes feixes.

Com saia de musselina,
 Brincos a Tamandaré,
 Vem servindo de balisa
 A Maria caboré.

Depois segue-se o piquete
 Onde vem Chrispiniana,
 Andrelina Academica
 Anastacia e Damiana.

Vem Lydia, Maria Engracia,
 E Maria Carolina,
 A Benedicta Rebouças
 E tambem a Brasilina.

A creoula Jacobina,
 Vem ufana e altaneira,
 Formada a dous de fundo
 Com Rita da Cachoeira

Atraz dellas vem Andreza
 Da imparcialidade rainha
 Formando guapa parelha
 Com a creoula Marinha.

A Clara, que ja esteve
 N'um *gallinheiro* trepada,

Vinha com a V.
 Sua fiel camarada.

Novo sujeitos gaiatos
 Racharam uma *tripeça*,
 Fizeram della cavaco
 E carregaram por peça

Vinha um *lazarro medonho*
 Com as vigas de um sobrado,
 Que fez em lenha, depois
 De ter ao dono logrado.

Vinha o José *Menino*
 Com seu grosso *papa vento*,
 Carregando sobre os hombros
 De achas de lenha um cento.

Vinha o Dr. *Bebé*
 Com a classica *capona*,
 Encrespando os bigodinhos
 Atraz de *Sinha Chorona*.

Mas que gosto de rapaz
 Para o que é feminino!
 Foi costume que herdou
 Do tempo em que era menino.

Tambem carregava lenha
 O douto moço Brandão,
 Para alcançar do Senhor
 Triumpho da eleição.

Cahe aqui, cahe acolá
 La vi o Ignacio *aberto*,
 Pedindo a Deus que lhe desse
 De suplente um logar certo.

Tendo se acabado a lenha
 Foram o adro lavar;
 Acabado esse pagode,
 Foi-se a *baderna* sambar.

A creoula Herculana
 Uma chula entoou;
 Rosa do peixe, Lourença
 A toada acompanhou.

Tocava *vú* certo padre
 Que é parente do *Neca*,
 Rufava pratos Lalau,
 Birimbau Xico Careca.

Cahi na roda Olegaria,
 Puchou mui bem a *feira*
 E foi dar uma *umbigada*
 No rapaz Bastos Pereira,

Sahiu elle mui lampreiro,
 Fez o seu *sapateado*,
 E deu uma horrendá *coixa*

N'um tal Joaquim Malcreado.

Este depois d'um corrido
Deu na creoula Clothildes,
A qual fez o seu peão
E foi bater na Mathildes.

Depois de um miudinho,
Que fez Antonia Dengosa,
Dançou Maria Libania
E depois Maria Rosa.

Paulina Coixa, Izabel,
A Brigida e Anastacia,
Feleciana e Bemvinda
Severiana e Nicacia;

Theodora e Clementina,
Claudiana e Simplicia,
Severiana e Justina,
Afra, Amelia e Felicia;

Sophia, Maria Augusta,
Galinha frita chamada,
Fizeram laes requebrados
Que poz a gente pasmada

O samba e a borracheira
Durou até a tardinha;
E então para a cidade
Quem lá não ficou caminha.

A PEDIDO.

— Como se pode aturar semelhante
visinhança! E' meia noite e está ro-
lando barulho!

Isto são horas de espancar escravos,
econmodando os moradores de baixo?

Pobres moradores, que aturam até
que se crie um porco dentro de casa,
e que este ande por toda ella!

— Mais onde é isso?

— Na quinta casa, a travessa dos *pés*
de Cruzes.

— Vou mandar chamar á ordem
essa gente.

— Quem quizer encoste!

— O que é isso Julio?

— Pare-se! sinão, *não gosta*.

— V. esta doudo?

— Quer brigar; quem quizer encos-
te.

— Pois V. toma *pifão* para provocar?
E assim fardado! Si seu commandante
souber?

— Elle mesmo que appareça, que eu
o metto num *sexto*.

— Estou calado. Seus quatro compa-
panheiros em vez de lhe accommodarem
estão incendiando, faz V. muito bem.

— Sr. Honorato, o chafariz é proprie-
dade sua para V. maltractar a quem
vem beber um pouco d'agoa?

— Em quanto estiver aqui, quem
manda sou eu.

— Porém em toda parte a quem vae
beber um pouco d'agoa não se nega.

— Eu não estou negando.

— Mas não quer dar o caneco e diz—
quem quizer traga vasilha. É a menor
observação maltracta.

— Estou no meu direito.

— Pois olhe, chafariz não dá para
se *levantar* propriedade.

Lista conscienciosa para senadores.

Dez. Luiz Antonio Barbosa.

Marechal Alexandre Gomes de Argollo
Ferião.

Dr. Alvaro Tiberio de Moncorvo Lima.

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO.

O abaixo assignado tenente reforma-
do do exercito tendo de seguir para o
o Pará no mez de março do corrente
anno, como determina o governo da
Provincia, de conformidade com o avi-
so do ministerio da guerra de 22 de de-
zembro ultimo, e não tendo quem pos-
sa encarregar-se do negocio de seu es-
tabelecimento, sito no campo da Pol-
vera, convida, portanto, aquellas pes-
soas que tem alli objectos empenhados
a resgatal-os até o dia 28 de feverei-
ro proximo vindouro; advertindo do
que os penhores vencidos não retirados
até este dia serão em 8 de março se-
guinte vendidos em leilão, na forma
do decreto n.º 2692 de 14 de novem-
bro de 1860. Bahia 30 de Janeiro de
1867.— *Raymundo Nonato da Silva*.

Tjp. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIÓDICO CRÍTICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 9 DE FEVEREIRO DE 1867. SERIE 17.^a—N.º 162

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Iatropopolis, bordo do
Alabama 8 de fevereiro de 1867.

Não houve expediente.

—O que tinha aquelle homem, que
lhe fallava tão amargamente?

—Queixava-se das injustiças de
nossa terra.

—Ora isso é cousa velha.

—Dizia que, em quanto no Maracás
passejavam livremente homens sem a
menor isempção, elle, casado, com 3 fi-
lhos, fôra allí recrutado e achava-se
com praça na companhia de sapadores,
que se está creando.

—E disse-lhe o nome?

—Disse-me que se chama Anto-
nio Joaquim de Oliveira, casado com
Theresa Maria da Conceição, a qual
se acha em uma casa em Santo Anto-
nio, com os tres filhinhos, na maior
indigencia.

Accrescentou que não lhe permiti-
ram que elle trouxesse documentos
para provar sua isempção, e que agora
sua extrema pobreza fazia com que elle
não podesse mandar uma pessoa ao
Maracás buscal-os.

—A mulher que recorra ao presi-
dente, o qual não pactua com esses
intoleraveis abusos.

A PEDIDO.

—O Dr. Bebê tanta força tem na vi-
perina lingua para deprimir, como é
covarde de animo.

Um cão goso não o ganha.

—Ja tardava, V.se lembrar do rapa-
sola.

—Ja elle pela rua direita da Miseri-
cordia com o Almeidinha. Nisso vem
um sujeito montado n'um burro: ao
passar por elle, não sei si o animal o
conheceu e fez uma gatimanha, Be-
bê correu como uma creança e foi se
esconder na loja do Porto Marques, dei-
xando o Almeidinha embasbacado de
tanto medo.

O Almeidinha teve de esperar mais
de dez minutos, por que não houve for-
ças que fizessem Bebê sahir da loja em
quanto não viu o animal ir pela Praça.

—Que miseria!

—O Almeidinha ria-se a escanga-
lhar, ao ver seu companheiro livido,
aterrado com o simples *refugamento* de
um burro manhoso.

—Pois olhe, Bebê não devia ate-
morisar-se de uma *carantonha*, que lhe
é tão familiar.

—Si eu fosse da confiança do Sr.
Dr. chefe de policia, havia do pedir-
lhe que lançasse suas vistas para a
povoação do Rio Vermelho

— Quando se falla em nome da ordem, não é preciso ser de confiança para merecer attenção.

— Informam-nos que naquello lugar dão-se constantemente attentados contra a segurança individual, sem que haja a menor repressão a taes abusos, e pelo contrario os criminosos andam impavidos a fazer ostentação de seus actos.

— E que provas tem disso?

— Digo pelo que me informam. Na quarta feira 30 de janeiro, Manuel Ramos Pereira espancou barbaramente a Eusebio Lopes Fiusa, deixando-o em perigo de vida e até hoje 4 de fevereiro corre risco a sua existencia. O aggressor consta que está homisiado em casa de um potentado, d'onde sahe de vez em quando á dar seu passeio, e tomar banho no Luceia.

— E as authoridades o que fizeram?

— Consta que reduziram-se a um simples corpo de delicto.

Informaram-me mais, que no dia 26 de dezembro, um tal Francisco de Mello Lazaro entrou pela casa de Juvenia Osoria dos Santos, deu-lhe muita borda a la, fazendo lhe diversas contusões mais ou menos graves, e ficou impune blasonando da sua valentia.

No dia 6 de janeiro Maria Geltrudes retalhou á navalha Luciana de tal, esteve tres dias presa, porem *arranjon-se* a cousa, s'hiu para a rua e a offendida ainda cura as feridas.

A' vista deste factos é que eu desejava dirigir-me ao Sr. Dr. chefe de policia; porem receio que não dé elle fé de mim.

— Com tudo é bom aventurar.

— E então eu lhe contaria outros muitos factos, principalmente do tal Manoel Ramos; entre outros, o caso do rapto de uma menor para ser vendida a certo taberneiro, etc.

— Meu charo, não perca tempo: dirija-se ao homem, que lhe ha de attender.

— E si elle exigir uma *denuncia assignada*, quando eu so sei de tudo isto por informações?

— La isso arranja-se.

— Permite licença, meu charo?

— Pois não, pode entrar.

— O Sr. tem um tratamento de *Rei*?

— E não sou mais que um simples artista.

— Pelo contrario, hoje é um abastado capitalista.

— Porém o que determina nesta casa?

— Um negocio

— Sem duvida quer alguma photographia?

— Não, Sr.

— Então terá a bondade de explicar o que ordena.

— Fal-o-hei em termos breves.

— Venho aqui exprobar-lhe o seu torpe procedimento para com um miseravel.

— Não o comprehendo.

— Eu me farei comprehender.

O Sr., ebrio de ambição, emprehendeu casar com uma rica herdeira, não por amor a ella, e sim ao seu dinheiro.

Para isso travou estreita relação com um preto escravo da casa, a quem chamou seu *ben' dito* mensageiro.

A commun intimidade, a franqueza, que reinava entre o Sr. e esse preto, era a que se dispensam dous reciprocos e cordiaes amigos

Propoz-lhe o influir no animo da rica herdeira a seu favor; que o admittisse secretamente no aposento della; e que, quando conseguisse realisar o casamento lhe daria 2:\$000 rs. e a carta de liberdade e passou-lhe um recibo de divida de 2:\$000 rs.

Engambelado o preto com a sua affectada promessa, e com a calculada franqueza que o Sr lhe dava, a tudo accedeu.

O Sr. mandou cartas, teve entrada á surdina na casa, esteve só com a moça e por fim casou-se.

O preto foi logo tratado por outra maneira ou quasi esquecido.

Passados mezes ainda teve elle a loucura do apresentar-se ao Sr. com o recibo, exigindo o cumprimento do que elle resava.

O Sr mandou-o para a salla esperar; depois veio com um masso de dinheiro

contando como quem ia pagar o pedio o recibo. Neste momento apparece um soldado do policia, que prende e conduz o negro para a cadeia?

—E não acha que foi grande atrevimento delle exigir tal dinheiro.

—O que acho? é que o Sr. rebaixou-se vilmente conloioando-se com um preto, que degradou-se impudentemente passando-lho um recibo, e que aviltou-se infame e torpemente com a indigna acção, que commetteu.

—Tudo isso nada valle, o que eu queria era montar-me nos cobres.

—Não vale nada para quem a honra e honestidade é chimera, para quem o pundonor é um pouco de pó, que o vento leva.

—Insulta-me em minha casa!

—E' verdade, esquecia-me que os caracteres moldados no cadinho da desfaçatez, almas crivadas de sordida e torpe ambição, preferem ser castigadas na praça publica. Ca virá o muxingueiro buscal-o. Adeus.

(Continúa)

—Ah que dôr de coração!... Hoje não posso tomar leção ás meninas.

—Quer um sorvete de *pitanga*?

—Nada... nada... Que dôr de coração!.....

—Pois deite-se para alli.

—Quando for horas do chá me chame.

—Pois o Sr. queixando-se de uma dôr, lembra-se em comer?

—Até lá estou melhor.

—Bem me disse o *Olimpio*! O Sr. em o que se parece, é com uma besta manhosa.

—Está gemendo e come como um alarve.

—Não lhe dê isso cuidado, Sr. *Deodato*, porque eu não como do seu, quem gasta o dinheiro é o *Pitanga*, o esse não se importa.

—Tenho visto que V. é manhoso em tudo. Finge-se tão serio e, quando está leccionando as meninas, deita-lhe as mãos em cima, passa o braço sobre ellas, descança a mão paulatina e disfarçadamente sobre seus collos, etc.

—Quer me caluniar?

—Caluniar! E porque V. foi expulso da casa do.....? Não foi por uma bandalheira destas?

E porque é que V. anda intrigando aquelle empregado da casa? não foi por elle reprovado seu procedimento?

—Como si calunia assim a um homem moralisado?.....

—Na verdade o Sr. é muito moralisado! Tão moralisado que consente que seus fillos se pervertam pela boa educação, que recebem; a ponto de reprehendendo a um, elle responder-lhe asperamente, e querendo o Sr. corrigil-o, elle agarrou-o pelo pescoço e luctou com o Sr., deixando-o maltractado.

—Diga-me, são horas do chá?

—São, meu glutão.

—Pois então deixo os seus sermões para outra hora.

—Pois bem, hei de lhe contar certos factos para provar a que ponto chega a sua galvanisada moralidade.

—Vae encher a pança meu lorpa.

O OLHO DE ABEL MIRANDO CAIM.

Lê-se no *Diario da Bahia* de 3 do janeiro:

Eu abaixo assignado, deixei a companhia e loja do Sr. pharmaceutico Carlos Manuel da Silva, em 11 de dezembro de 1866, de contas justas, como consta do titulo por mim assignado em poder do mesmo Sr. Silva.

Uma letra de 150\$000 rs. á caixa economica, em que eu figurava de passador e aquelle Sr. de garante, dinheiro para comprar um cavallo para o seu filho Demetrio Manuel da Silva, está reduzida a 50\$000 rs. com outra firma em lugar da minha, e as reformadas que estão em poder do Sr. Carlos, com a minha firma não constituem obrigação minha como sabem todos, e confio que o Sr. Carlos não o porá em duvida em tempo algum.

O unico inimigo que tenho é o Sr. Carlos Manuel da Silva; espero que respeite minha individualidade e reputação como eu o respeito, sem precisar recorrer ás autoridades policiaes.

Bahia 2 de Janeiro de 1867—*José Gergorio da Costa.*

VARIEDADE.

DESPEZAS TEMIVEIS.

Dentes postiços.
 Concertos de relógio.
 Trabalhos de segeiro.
 Deligencias de procuradores.
 Razões de advogados.
 Operações cirurgicas.
 Alingueis de sobrados.
 Enterros com luxo.

COUSAS DIFFICE S DE SE ACHAR.

Amigo verdadeiro.
 Mulher que falle pouco.
 Moça que não queira casar.
 Dinheiro no meio da rua.
 Italiano que não saiba cantar.
 Cigano siucero no negocio.
 Musico sem ser glotão.
 Marinheiro delicado.
 Creoula sem catinga.
 Generos baratos em lojas de modas.

**COUSAS QUE NUTREM, MAS NÃO EN-
 CHEM BARRIGA.**

Titulos e commendas.
 Beijos de moça bonita.
 Elgios de poeta.
 Saudades de quem ama ausente.
 Correspondencia de namorada.
 Cortezias de figurões.
 Postos da guarda nacional.

**ACTOS DE GRANDE PRAZER, E SOBRE
 SALTO.**

Avistar terra depois de longa viagem.
 Fallar com a namorada estando ella só.
 Noticia da sorte grande.
 Deitar-se em cama fresca depois de um dia de calor.
 Cobrar divida velha em mão de caloteiro.
 Tomar banhos de mar em companhia de moça bonita.
 Chegada de um filho, da campanha.

MARIDO DO MODELO

Em muitos paizes do Languedoc, quando morre alguem, é ainda costume empregar *carpidores e carpideiras* para acompanharem o feretro.

Jacques la Bebe, passava por ser um carpidor famoso.

Um dia vão procural-o.

—Jacques, dizem-lhe, E. morren e enterra-se amanhã, ás 4 horas da tarde. Convém que não faltes.

—Eu não posso chorar, disse Jacques la Bebe.

—Como assim, não podás chorar!.....

O morto deixa fortuna, e tu serás bem pagº.

—Mais é me impossivel chorar.

—Então o que ha?

—Minha mulher morreu

(Extr.)

ANNUNCIOS

Perdeu um pobre pae de familia, hontem 7 de fevereiro, na praça do mercado de S. João, a quantia de dous contos setecentos e tantos mil reis, que recebeu para diversos pagamentos. A pessoa que achou essa quantia, pede-se queira dirigir-se ás portas do Carmo que será generosamente recompensado.

Pede-se a certo official pertencente a um corpo que apezar de *permanente* é *provisorio*, que vá a venda do Gravata pagar a quantia de 9\$240 que deve ha tempo, si não quer ver seu nome por extenso.

O Porta de tella.

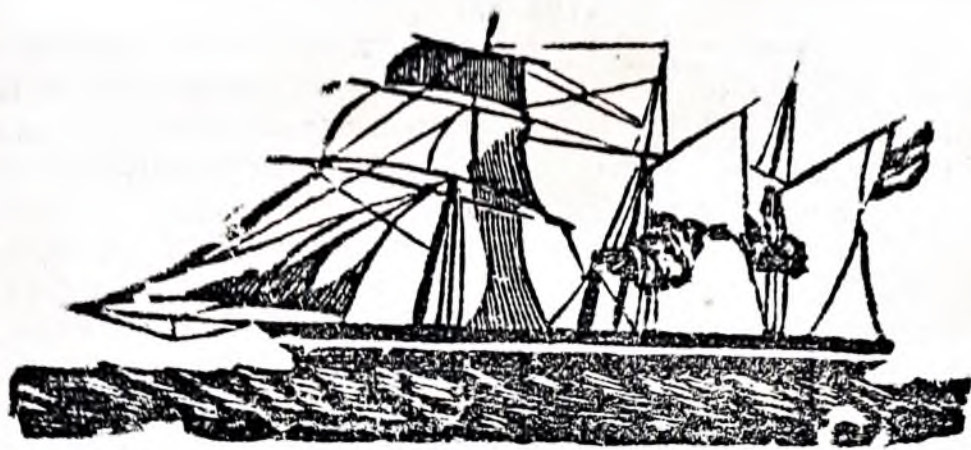
Um excellente prelo de madeira se diz nesta typographia quem o vende barato.

ATENÇÃO.

O abaixo assignado tenente reformado do exercito tendo de seguir para o Pará no mez de março do corrente anno, como determina o governo da Provincia, de conformidade com o aviso do ministerio da guerra de 22 de dezembro ultimo, e não tendo quem possa encarregar-se do negocio de seu estabelecimento, sito no campo da Polvora, convida, portanto, aquellas pessoas que tem alli objectos empenhados a resgatal-os até o dia 28 de fevereiro proximo vindouro; advertindo de que os penhores vencidos não retirados até este dia serão em 8 de março seguinte vendidos em leilão, na forma do decreto nº. 2692 de 14 de novembro de 1860. Bahia 30 de Janeiro de 1867.—*Raymundo Nonato da Silva.*

O Sr. Eduardo José Calvacanti é rogado com instancia a ir á venda ao becco dos Sette Pecados, quina para a Piedade.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIÓDICO CRÍTICO E CHIISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 15 DE FEVEREIRO DE 1867. SERIE 17.^a—N.º 163

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por series, pagas adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Iatropopolis, bordo do Alabama 12 de fevereiro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, levando ao seu conhecimento que a voz publica propala que a creoula Benvida, fallecida em Itapagipe, ha cerca de dez dias, fôra envenenada; o que se communica a S. S. para que dê a semelhante boato a consideração, que lhe merecer.

—Foi a festa das Candeias?

—Fui, e antes não fosse.

—Porque?

—Porque vim com a roupa do corpo. A companhia do Olho Vivo embarcou daqui, e fez as todas. Roubaram escandalosamente, arrombaram paredes, etc.

—Por isso um delles um dia destes queria vender umas pulseiras! Eu bem desconfiei.

—Dizem que dous escravos do Sr. Teive, os quaes anda tambem a fazer advinhações de dedaes, tomaram parte activa no saque. Um delles na quarta feira demadrugada trocou uma cedula de 50\$ rs. na Baixa dos Sapateiros, dando 1\$ rs. de lucro a quem foi fazer o troco.

—E a respeito da funcção?

—Foi o costumado, uma simples missa. Houve povo a abarrotar; de toda parte affluia gente; reinando com tudo muita ordem; a não ser certo capitão da guarda nacional que deu completo desfructo com uma creoula.

A igreja permanece no mesmo estado de ruina.

—Bem, vamos a outra cousa.

—Hontem á noite foi preso na rua do Tijolto um forçado, que placidamente passeiava munido de uma faca de ponta.

—O que andava fazendo elle? Estaria incumbido de alguma *comissão*?

—Não sei; disseram-me que elle tinha se evadido do forte de S. Pedro.

—E' pela facilidade que lhe costumam dar.

—O que reprovei foi um sujeito espancar de chapéu de sol o preso, quando este nenhuma resistencia fazia.

—E' que todos não tem paciencia de *santo*.

—Estou por isso, Sr. *Pereira*.

—A policia devia ter uma inspecção mui activa sobre as gondolas da carreira do Bomfim.

—Sou de sua opinião.

—Nellas embarcam gente de tod

qualidade e condição, e muitos sem nenhum respeito e consideração às famílias, que ali vão em commun, pronunciam phrases obscenas, commettem acções torpes e praticam gestos immoraes. As vezes é um *mamado* que, depois do numero de passageiros completo entende que deve ter logar, e embarca-se atropellando os mais; outras, é um borracho que vem a fazer *accionados* immoraes e a dizer *lerias* para as easas, outros fazem uma algazarra estrepitosa e de bengalas para fora da gondola vão espancando os transeuntes.

Por sua parte os empregados abusam admittindo maior numero de passageiros, faltando á regularidade das horas, etc.

— E que me diz das machambombas?

— Ora isto não vale a pena fallar. Aquillo tem de empreza o nome.

Está preenchendo os dias.

A justiça.

Fallam todos na justiça, e ninguem ainda soube d'onde procede esta Senhora tão afamada; pois attendam os leitores, que vamos fazer uma descripção da tal sujeitinha: attendam bem, que a historia é verdadeira. Esta senhora, filha legitima do Sr. Direito Nacional e da Sra. D. Equidade, nasceu no seculo passado, foi baptisada na freguesia da Honra, sendo madrinha a Sra. D. Consciencia Eserupulosa da Boa Fé, chamou-se D. Justiça Humana da Execução; porém depois que foi crescendo, seu tio, o Sr. Velhaco Mór do Reino, chismou-a em D. Tortura Bandalha das Patifarias e desde então, tendo ella antes sido uma senhora muito honesta e fiel, tornou-se uma ladra, e grande fadista, entrou a ter uma ambição desmarcada, perdeu de todo a vergonha, tornou-se soberba e ao mesmo tempo tão vil, que constituiu-se uma adúltera dos ricos, desprezando inteiramente os pobres, porque vê que d'elles não pode arranjar bastante dinheiro; e a final tornou-se uma preguiçosa, e tão deleixada, que não attende às suas obrigações: por mais que se grite por ella, não sabe de casa para acudir a ninguem;

porém, assim que vê dinheiro, ou coisa que o valha, abre os olhos e salta para o meio da rua, ligeira como um rato! Que ladra!!...

No tempo em que D. Justiça era honesta, andava armada de espada e balança, isto é, para pesar e cortar; porém n'um duello que teve com a Sra. D. Fortuna, levou uma bofetada que a pôz cega de todo. Vendo-se ella n'este estado, largou a espada, tomou um pau e entrou a communicar-se pelo tacto, de sorte que quando lhe dão dinheiro de esmola, ella agradece e entrega o pau para a conduzirem para onde se quizer: e quando não lhe dão esmola levanta o pau e dá bordoadas de fogo. Deixou tambem a balança porque os pagamentos agora são em papel e não em ouro e prata, como d'antes, e para se acautelar de não receber algum papel falso, que ella por cega não conhece, traz comsigo uma menina chamada Ganancia da Especulação. Eis aqui a Sra. Justiça descripta, cuspiada, e escarrada.

E á vista d'isto, que se deve esperar de tal mulher no tempo presente!! O que estamos vendo todos os dias.

Aquelles, que, por obrigação, deviam ser os mais rigorosos observadores da verdadeira justiça, são os que mais a corrompem: advogados corruptos e ambiciosos, que illudem as partes, dizendo-lhes que as causas mais absurdas, que dar se pode, tem toda justiça, só para chuparem o dinheiro do importe das razões e mais atrapalhações que elles inventam; tabelliães velhacos, fazendo testamentos falsos, e com elles concorrendo para se extorquir os bens de seus legitimos herdeiros: escripturas viciadas, firmas raspadas, autos sumidos, testemunhas compradas, datas trocadas, e quanta casta ha de perversidades para roubarem e causarem damno aos seus semelhantes!!

E que diremos do certos senhores juizes emproados e cheios de altivez, que estão sempre dormindo, ou no banho, para não fallarem às partes, fazendo-as esperar manhans intoiras na escada! Estes são impostores por natureza, e

ordinariamente estúpidos, porque o homem instruído não se onsoberbece por estar em cargo algum, por mais elevado que seja; outros ainda piores e muito insuportáveis, são alguns, que escandalosamente vendem a justiça, tirando o direito a quem rigorosamente o tem concedido pela lei; e quantos males resultam d'este infame abuso! O juiz que vende a sentença, injuriando a sua classe e commettendo a barbaridade de criminalizar o innocente, devia ser immediatamente desterrado do paiz que habita; mas tal é a desearação moderna, que alguns, alem de rouba-rem, com o mesmo dinheiro ganho na ladroçira dão funcções e alardeiam de muito ricos, sem se lembrarem de que o publico está calculando seus lu-tros e seus gastos e por conseguinte vendo que malversam.

(*Continúa*)

LA VAE VERSO.

(PARODIA)

Meu charo Sr. *geral*,
Dae-me a vossa mão direita,
Porque uma duzia de bollos
Apanhareis d'esta feita.

Vou agora incommodar-vos
Com cousas que vos faz mal;
Mas não é por culpa minha,
E' por culpa do fiscal.

Pois se tanto lixo vemos
Nesta bella capital,
E' só por culpa da camara,
E por culpa do fiscal.

Si a praça do mercado
E' um monturo infernal,
Não é por culpa da camara,
E' por culpa do fiscal.

Si na rua os boleeiros
Correm mais que um bagual,
Não é por culpa dos burros.
E' por culpa do fiscal.

Si cavallos, cães e burros,
E até certo animal,
Andam soltos pela rua
E' por culpa do fiscal.

Si mais cães aqui s'encontram

Que no Estado Oriental,
Atropellando a quem passa,
E' por culpa do fiscal.

Si accio não se encontra
Nem na praça principal,
Não é por culpa da praça,
E' por culpa do fiscal.

Si os quintaes andam tão cheios,
De materia que faz mal,
P'ra não dizer *certa cousa*,
E' por culpa do fiscal.

Si o despejo não é feito
Sempre em hora principal
E em logar competente,
E' por culpa do fiscal.

Si ha tavernas immundas,
Qual nojento lodaçal,
Não é por culpa do dono,
E' por culpa do fiscal.

Si a libra tem tres quartas,
Si o pezo não é legal,
Não é por culpa do pezo,
E' por culpa do fiscal,

Si a manteiga o taverneiro
Nos vende cheia de sal,
E nos rouba na medida,
E' por culpa do fiscal.

Si as posturas não se cumprem
Da camara municipal,
A camara é que tem culpa,
Ajuda do fiscal.

Adeus, pois, eu me retiro;
O que disse é tal qual...
Saio d'aqui p'ra não ver
As tractadas do fiscal.

Trovão.

A PEDIDO.

Será verdade que se acha nesta ca-pital, preso n'um tronco, ha seis dias um infeliz, que foi escravo de certa casa, porque teve a *rebeldia* de não votar na chapa, que lhe inposeram seus passados senhores?

Será verdade, que esse desgraçado depois que cumprir a pena que lhe é imposta, assentará violentamente praça e embarcará para o Sul?

Será verdade que este facto horro-

so se pratica actualmente na freguezia de Santa Anna?

O Az de Paus.

—Agora está V. por cima, meu *candido* senhor!

—A razão?

—Porque passou de pato a ganço. Sahiu de caixeiro das *bombas machas* para ser administrador.

—Foi um pequeno accesso.

—E a respeito de *sequilhos*, como vamos? Ainda dá encommendas por aquelle estudante, que penteia o cabello com oleo de *babosa*?

—Ora si! Andaram fallando e eu por isso mesmo é que heido continuar.

—V. é um cynico libidinoso, que se appellida de *candido*, quando a sua candidez está na protervia e descarração.

O' muxingueiro!

—Aqui estou.

—Agarra esse *bigarim*, dá-lhe de rijo e leva-o depois aos Srs. Monteiro, Carneiro & Azevedo para que o empreguem nas lojas das machambombas por 3 mezes.

—Vamos ver que gritos são aquellos no becco dos Dendezeiros?

—Eu não; hoje foi a festa de S. Gonçalo é dia de muita bebedeira e de muita imprudencia, vou lá me expor n'um becco escuro, arriscado a levar alguma porretada *por descuido*?

—Pois vou eu que sou destemido.

—E eu espero,

—Ja vi. Era o preto Luiz escravo do Sr. Ariani, que espancava a preta Maria na porta d'uma casa.

—E que faziam?

—Estavam na janella impassivel.

—Muito bom!

—E o negro podia matal-a, porque as pancadas não eram de brinquedo, soavam com viração.

—Aqui não ha subdelegado?

—Pois não ha!

—E porque não traz isto mais bem policiado?

—Ora V. quer que o homem faça milagres!!

SONETO.

A carístia invade á largos passos

Aquadra horrenda que atravessamos,

Veixados dos feijões, já tanto escassos,

Tambem co' sachristão hoje lutamos.

Com guerra e fome, estando nós á braços,

Eis na egreja tambem o que encontramos:

O sachristão no sino armando laços,

Si o funebre signal lá procuramos.

Que usara meu Deos... que coração!

Hade o pobre tocar no almoliz,

Si quer ao morto seu dar oraçõs?

Pois si o fero destino assim o quiz....

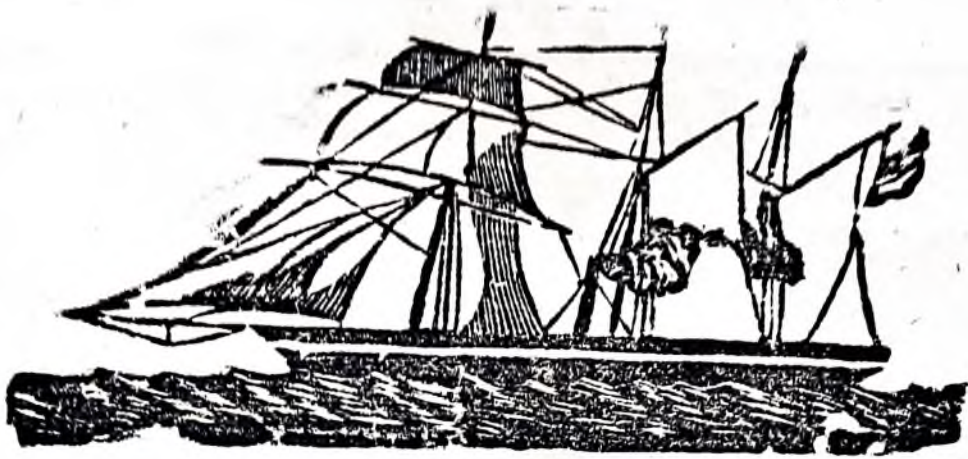
Que o pobre não tendo dez tostõs,

Não tem dôbre ou repique na matriz!

ANNUNCIOS

Na noite de 28 de janeiro, arrombaram pelo quintal a casa de D. Maria Joaquina Rodrigues, moradora á Rua Direita de Santo Antonio, em occasião, em que ella não estava, e roubaram 30\$ rs. em dinheiro, 3 colheres de prata, 2 rozetas de pedra, 1 anel com pedras de diamante, 1 dito de cabello, umas pulseiras esmaltadas do azul, 1 coração de esmalte azul, 1 maço de litas cor de rosa, lenços de esguião, 1 toalha de esguião enfeitada, 2 camisas bordadas, de senhora, 1 peça de estopinha, 1 camisa de esguião de grade chinesa, 1 anagua com barra de picado, 2 horas com capa verde e outros objectos. Quem der noticia certa, será recompensado.

O abaixo assignado, tenente reformado do exercito, tendo de seguir para o Pará no mez de março do corrente anno, como determina o governo da Província, de conformidade com o aviso do ministerio da guerra de 22 de dezembro ultimo, e não tendo quem possa encarregar-se do negocio de seu estabelecimento, sito no campo da Polvora, convida aquellas pessoas, que tem alli objectos empenhados, a resgatal-os até o dia 28 de fevereiro proximo vindouro; advertindo do que os penhores vencidos, não retirados até este dia, serão em 8 de março seguinte vendidos em leilão, na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860. Bahia 30 de Janeiro de 1867.—Raymundo Nonato da Silva.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 13 DE FEVEREIRO DE 1867. SERIE 17.^a—N.º 164

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de fevereiro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando sua attenção e reclamando providencias contra os continuos escandalos dados, dia e noite, por certo *cascabulho-chronico*, amator do prego e da borracheira, deshonra da classe scholastica, repellido e repudiado por todos os seus collegas.

Pois são tão continuadas as suas *borracheiras*, que, ainda no sabbado, praticou os factos horrorosos de, com trez companheiros *forçar uma creança*; tentar fazel-o a uma africana, depois de comer-lhe os doces, e embebedar dous carcamanos, que, depois de tocarem o dia inteiro, foram deitados pela porta fóra, resultando disso perderem o dia, o juizo, e o realojo que arreventou-se todo.

O cujo de que fallamos gosta de porcos-monteiros, foi ultimamente, pela quarta vez, reprovado em francez, e *faz tijolos*, no numero 13, 1º andar.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Rua do Paço, chamando sua attenção para as continuadas desordens que ha no Caminho Novo do Taboão. Todas as noi-

tes ha ali descomposturas, gritaria, etc., e ainda no dia 11 houve ás 11 horas um berreiro dos seiscentos.

—Quer ver o nosso governo como è equitativo na remuneração de serviços?

—Diga.

—Pois ouça la:

«Foram nomeados dignatarios da ordem da Rosa, o senador Francisco Antonio de Souza Queiroz e Luiz Antonio de Souza Barros, pelos relevantes serviços que prestaram, o primeiro libertando e offerecendo para o exercito *quatro* escravos e apresentando dous voluntarios, e o segundo libertando e offerecendo *cinco* escravos, e apresentando um voluntario para o mesmo fim.

«Foi nomeado *commendador* da referida ordem Francisco Teixeira Vilella, pelo relevante serviço que prestou offerecendo *seis* escravos, que libertou para assentarem praça no exercito em operações contra o Paraguay.»

O que offereceu quatro foi dignatario e o que offereceu seis foi *commendador*.

Não acha justo?

—Sem duvida.

—Consta-nos que no quartel da Palma desconta-se diariamente de cada soldado um vintem para concerto,

do quartel. Em 700 praças veja que pepineira!

— Bem bello! Então os soldados são quem tem obrigação de concertar os quartéis, e pagarem obras publicas?

Não sabia que a nação estava em semelhante estado de penuria?

Porque não fazem o concerto com o dinheiro que se deu para armamento do paiz?

— Esso foi-se, evaporou-se, sumiu-se!

Assim é a clamorosa injustiça de querer se descontar 100 rs. de cada soldado á titulo de fardamento.

Si de dous em dous mezes os homens hão de ser mudados, para que essa inutil despeza?

— Neste caso, o governo que faça o fardamento á sua custa para não ficar um batalhão de caretas.

— Anda por esta cidade uma preta velha em completo estado de nudez.

Traz apenas sobre si um roto pedaço de cassa, que mal lhe cobre o corpo do umbigo ás coixas!

— E de tanta authoridade que ha nesta terra, não ha uma que faça acabar com tal vergonha!

— Qual! Nestes casos todos declinam de si as attribuições; ninguem se julga competente para dar uma providencia!

LA VAE VERSO.

RECEITA.

Sympathia.

Toda besta, que se mette
Em escriptor querendo ser,
Deve tomar *sympathia*,
Assim de se conhecer.

Ao homem, que na imprensa,
Se acoberta p'ra roubar,
Receita de *sympathia*
Deve-se logo applicar.

A'quelle, que calumnia
A qualquer homem honrado,
Applicada seja logo
Sympathia no salado.

O doutor que sempre esquece
D'o doente ir visitar,

Sympathia na memoria
Para melhor se lembrar.

Ao amigo, que provoca
Por causa de sua amante
Podem dar-lhe *sympathia*,
Pois que o sujeito é pedante.

A' velha que quer ainda,
Aos rapazes namorar,
Dê-lhe tambem *sympathia*,
Para ella se assumptar.

O moço, que a caso virde s
Com arzinho de impostor,
Sympathia logo nelle,
Que é das moças sedutor.

Anda por aqui um padre,
De cujos olhos sabe luz,
Façam-lhe logo na testa
De *sympathia* uma Cruz.

O gaiato que promette,
A moças mil casamento,
Não fique sem a receita;
— *Sympathia* no jumento.

Todo padre que tem gosto,
Por dansar o seu lundô,
Sympathia, sympathia,
Deite-se logo no e. . . .

Aos salados destractores,
D'algum caracter prestante,
Com *sympathia* na lingua
Curar-se-ha n'um instante.

O cuio, que tem por garbo
Se allumiar com brandão,
Sympathia tambem nelle,
Qu' é das mulatas capão.

O boticario, que vende
As suas drogas tr-cadas,
Sympathia na moleira,
E não venda mais pomadas.

O vendilhão que ganha
No pezo os certos freguezes,
Deve tomar *sympathia*
Por espaço de seis mezes.

O Dr. Ayer.

A PEDIDO.

ATENÇÃO.

A creoula Bomvinda falleceu em ita-
pagio de tetano spontaneo, segundo a

opinião dos Srs. Drs. Freiro, o Bittencourt, que a viram e receitaram; está enterrada no cemiterio do Bom Jesus; quem tiver provas do contrario assigne a denuncia na policia para ella proceder conforme for necessario, e espere o bom resultado.

—Capitão, peço-lhe que chame a attenção dos Exms. Srs. presidente da provincia e commandante superior da capital para o seguinte revoltante facto:

Hontem 13, o batalhão de artilharia deu uma guarda para fazer as honras funebres em uma missa de defunto, finda a qual foi debandar na Baixa dos Sapateiros. Nesse acto, um dos guardas ou interpretou mal, ou, *recruta*, não soube executar a manobra que o commandante ordenou, e um tenente com inaudito arrojo desfechou-lhe a espada nas costas por duas vezes!

Este facto indignou a todos que o presenciaram; foi um clamor geral, porém o commandante da força nenhum caso fez de semelhante ultrage feito á farda da guarda nacional, ao povo e a elle proprio, como superior que ali estava; e a muitos officiaes do batalhão que testemunharam.

Portanto, peço-lhe que chame a attenção das authoridades competentes.

—Sabe o nome do tenente?

—Disse-me o Santos que era *Pereira*.

—Bem.

O DOUS DE PAUS A CAVALLO, VISITANDO UNS ESCRIPTORIUS.

Que apparatus é aquelle?

Ora, Sr. *Galeirão*!

Não é agora que o povo

Quer conhecer o ladrão

Sua senhoria devia

Ter ha mais tempo o prendido,

Para que fosse afinal

Por todos bem conhecido.

Não o fez, e como agora

Quer conhecer o ladrão?...

Esperre Sr., não tarda

Chegar sua demissão.

O Banco.

—Será fado?

—O que?

—Dos empregados das *bombas machas* serem *comelões*! Todos gostam de *gulodices*.

—Que me diz?

—Até o *alfaiate* dos *animaes*.

—Ora qual!

—Pergunte ao *Candinho*, que lhe dirá. O *Gonzaga* teve até um cavallo, por que sabe *arranjar* cousa ao gosto do homem.

—Pois hei de lhe mandar um pastel de pé de muro para elle ver que tal acha.

—Capitão, conceda-me uma palavra.

—Estou ás suas ordens.

—Quero pedir-lhe o favor de mandar seu *muxingueiro* á guarda de palacio fazer uma deligencia; pegar o *Pedro Bambolino*, que.....

—Mas quem é esse animal?

—Eu lhe digo: um moço branco, que, tendo casa para morar, julga-se isempto de trabalhar para comer.

—Será então porque não come?...

—Pelo contrario; porque come de mais.....

—Então explique-se.

—..... Tanto que é conhecido por —secenta jantares!

—Com mil *bombas*! porém, como elle consegue tantos?

—Veja: todo o official commandante da guarda è por elle visitado; um por ser *conhecido*, outro por ser *amigo*, este por ser de sua *sympathia*; aquelle por ser um.....

—Mas isso acontece somente com os que tem esses attributos e não com os desconhecidos.

—Engano, nem estes estão livres. Quando elle o não conhece, entra igualmente: uma vez por *pensar* que era *fulano*; outra para esperar *sierano*; sendo certo que, uma vez dentro, não se vae sem jantar.

—Homem, isto è uma boa industria.

Muxingueiro, vae depressa ao commandante da guarda de palacio e diz-lhe que o mande ja, si estiver la, e si não, quando chegar, que apresente ao Dr. chefe de Policia o *Pedro sessenta jantares*,

alim de lhe dar destino, visto ser solteiro e *malandro*, sem isempções.
— Obedeço.

VARIEDADE.

CURIOSIDADE.

Cópia fiel de um passaporte de policia com a propria orthographia.

O Tenente Coronel F.... de B.... M.... Subdelegado de Policia criminal do Districto de... por Graça de Deos, e de S. M.I. etc.

Concedo passaporte a Manoel Antonio das Chagas, natural da... deste districto, profissão pescador para a praça de Macaio para la usar da sua *existencia*, levando em sua companhia umas mulheres do fado, Maria e Anna Joaquina, e sua *irmã* Viuva e dois filhos de menor idade.

Secretaria da *Subdelegacia* no Engenho, 13 de Novembro de 1843, etc. etc.

Sinaes.

Idade—53 annos.—Altura—do tamanho do meu *Escrivão*.

—Rosto—Comprido e sobre o feio com *bexigas*.

Cabellos—crespos e duros.

Olhos—disjuntivos e arregalados.

Nariz—como de qualquer proximo.

Barba—de bode.

Cor—Não é certa, porque é furta cores.

Boca—muito perto das ventas, e *beijos* roxos.

N. B, As mulheres não vão por *min rubricadas*, nem pelo meu *Escrivão*; porque não compareceram.

Fiei-me na palavra do suplicante, que Deos leve a salvamento, pagando primeiro por si, e pelas referidas suplicantes a quantia de mil e quinhentos reis na conformidade das *Lezes*.

CHORO DE VIUVA.

Chorava triste viuva

A morte do companheiro;

Tinha deixado dinheiro.

Era forçoso casar:

Veiu outro, que era pobre;

Estava desamparada:

Mulher só, não vale nada,

Foi-lhe preciso casar.

Gastou-lhe tudo e morren;

Chorou a pobre inda mais;

A que soffre perdas taes

Nunca passa sem chorar.

Um terceiro se apresenta;

Casou por necessidade;

Quem vae entrando na idade

Deve, p'ra amparo, casar.

Ora, si este inda morresse,
De certo havia chorar,
Que a mulher vive chorando
E chorando po' casar.

INHATO-MIRIM.

COUZAS COM QUE A GENTE NUNCA DESEJA ANDAR.

Com a onça.

Com a pedra no sapato.

Com a pulga na orelha.

Com as orelhas em pé.

ANNUNCIOS

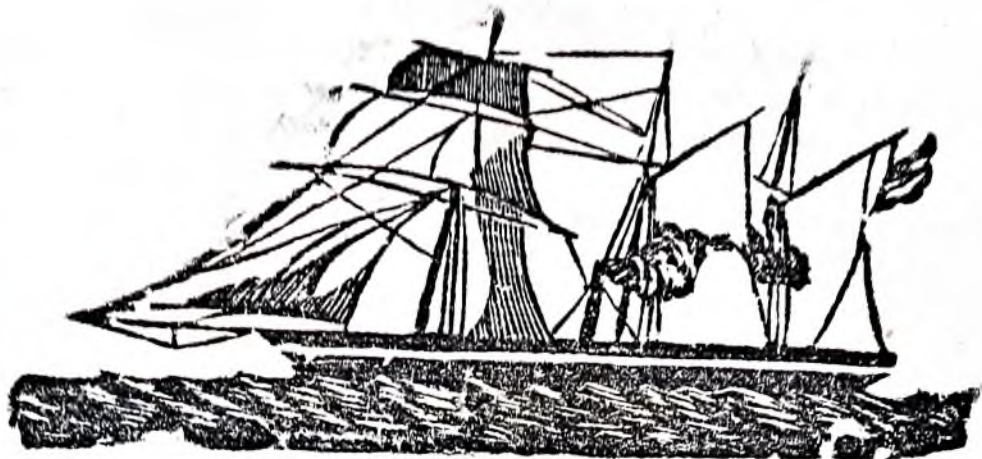
Foi encontrada no dia 12 do corrente, uma menina, creoula, de 8 para 9 annos, que não sabe declarar onde mora, diz-se chamar Maria e ter um irmão de nome Rodrigo, ser forra, e filha da finada Maphalda que morou na Rua Nova: quem sobre ella tiver dominio, procure entender-se na subdelegacia do Curato da Sé.

Pede-se aos amigos que devem na venda sita á ladeira do Aljube que faz quina para a ladeira dos Gattos n. 1, que venham saldar suas contas dentro em dez dias, do contrario passarão a ver seus nomes em uma lista publicados n'este periodico.

Bahia 13 de fevereiro de 1867.

O abaixo assignado, tenente reformado do exercito, tendo de seguir para o Pará no mez de março do corrente anno, como determina o governo da provincia, de conformidade com o aviso do ministerio da guerra de 22 de dezembro ultimo, e não tendo quem possa encarregar-se do negocio de seu estabelecimento, sito no Campo da Polvera, convida áquellas pessoas, que tem alli objectos empenhados, a resgatal-os até o dia 28 de fevereiro proximo vindouro; advertindo de que os penhores vencidos, não retirados até este dia, serão em 8 de março seguinte vendidos em leilão, na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860. Bahia 30 de Janeiro de 1867.—Raymundo Nonato da Silva.

Typ de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CAUSTOSO.

BAHIA—ANNO V. 16 DE FEVEREIRO DE 1867. SERIE 17.^a—N.º 165

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicaçõs. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de fevereiro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. juiz de orphãos, chamando sua attenção para um infeliz rapaz de nome Philippe, irmão do Sr. padre Pimentel coadjutor do Rosario, o qual anda vagando por esta cidade miseravelmente, esmolando para comer e dormindo nos adros das egrejas e assentos de S. Bento; e como consta que esse rapaz tem algum dinheiro depositado n'um estabelecimento, pede se a S. S. que mande averiguar isso, e remetta para o hospicio de Pedro 2º o infeliz, que ainda pode vir a ser um cidadão util a seu paiz.

— O partido progressista ja apresentou seus candidatos á senatoria.

— Quem são?

— Os Srs. —

Conselheiro Saraiva,

Coronel Spinola,

Dez. Silva Gomes.

— Estão bem aviados os dous ultimos!

— Por que motivo?

— Porque não servem mais do que de *moços do cego*, como costumam dizer os capadócios.

O becado está feito para o Sr. Sa-

raiva, e todo aquelle que entrar com elle não servirá mais do que de pau de cabelleira.

— Eu lhe creio porque, o Sr. Saraiva é dos *felizes da epocha*.

— Que diabo de *mixtiforio* è um entre os electores de Sant' Anna?

— Não me consta.

— Dizem que os *chefes da chapa* prometteram a votação ao Almeida, com tanto que este lhes garantisse as posições officiaes e lhes angariasse o apoio do governo, sem previo consentimento dos collegas, e sem que ao menos elles tivessem conhecimento de tal *negociada*.

A rapazeada agora, que não è nenhum rebanho de carneiros, rebella-se, e não quer obedecer ao chefe que a quiz reduzir a condição de automato.

— E faz muito bem, porque o povo quando votou n'ella não foi na intenção de que iriam votar na gente *barriguda*.

— Veremos agora como se hade haver o moço da *sympathia* no collegio eleitoral com sua gente.

— Felizmente está quasi a concluir-se o processo eleitoral nas diversas freguezias.

Quem aproveitou aproveitou; quem não aproveitou aroveitasse.

As transacções expiram; o leilão do votos termina; quem foi tratando vendou-se, quem teve dinheiro comprou... agora seguem-se os triumphos, foguetos, musicas e ropiques de sinos.

Vem tambem os dissabores e zangas, as accusações e recriminações.

Os vencidos inventam mil pretextos para disfarçarem sua derrota.

—E quem lucra no fim do negocio são os nossos paes da patria.

A PEDIDO.

—Vem cá, *Francisco!*

—Capitão, eu me chamo *Magalhães*.

—Então julgas ladrão, que eu não sei teu nome?

—Tudo V. Ex. pode dizer de mim, menos me chamar ladrão.

—Então, diz-me o que é um homem que amasiou-se com uma rapariga escrava, a quem Deus haja, e depois inventou um roubo phantastico, com vistas em umas propriedades que tinha o senhor da dita rapariga?

O que é um homem que de simples barra-portas, é hoje um grande taberneiro, tudo isto producto dos roubos feitos a diversos paes de familia, que com elle tiveram negocios?

O que é ainda um homem que se diz roubado, e serra os caibros do telhado de sua taberna, para dizer que este roubo tinha sido feito pelos escravos de certo sujeito rico, mas a authoridade mandando peritos para examina-rem o corpo de delicto, estes disseram que o serramento tinha sido feito de baixo para cima?

Ignoras quem é esse homem?

E's tu, meu refinadissimo tractante!

—Capitão, isto é de mais!

—Ainda não disse tudo.

—Agora vae a algum tractante, que negocie com a propria consciencia, para te defender, meu gallego! Vou mandar publicar o processo da infeliz *Porciuncula*, assim de que o publico tenha sciencia de tuas ladrocinhas!

—Capitão, não faça lembrar-me d'aquillo de que tenho remorsos nas horas mortas da noite, quando repasso na mente.

— Cala-te miseravel, que se tu tivesses remorsos, não andavas contando ao *Rosa*, da maneira que bem te convém; mas felizmente ainda ha ahí quem saiba desta tua infamia, pelo que, tens de ajstares severas contas com o muxingueiro; porém, primeiro quero que os autos deste processo, sejam lidos na tua presença e de alguns tractantes que ignorando tudo isso, lançam mão da penna, manchando-a para rabiscarem uma catilinaria de infamias e picardias.

(O brigadeiro *Agosta Pequeno*. — Capitão *Dias*—Procedente de *Lima*.)

(*Continuação.*)

—O velho era rabujento e pertinaz. Deu-lhe a hemorroides para vir a *Latropopolis* pleitear o negocio de seu sobrinho, e não houve obstaculo que o demovesse desse proposito.

Preparou-se, arrumou sua trouxa, e largou-se para a cidade dos *Ladrões*.

Quando aqui chegou foi procurar-me e saber dos bens de seus sobrinho.

Recebi-o com arrearrancudo e negativo; porém o homem insistia, tornou-se exigente, e eu assentei de convencel-o com maneiras fallaces e com subterfugios.

Contei-lhe o mesmo que já tinha dito ao intendente de policia, disse-lhe que seus sobrinhos eram uns perversos propensos somente á maldade, que suas conductas desemfreadas obrigaram-me a dar o passo de mandal-os para bordo.

O homem, sem dar grande importancia ao que eu lhe dizia sobre o comportamento de seus sobrinhos, persistiu em querer saber o que era feito da fortuna delles.

Então em tom decisivo desenganei-o de que nada lhes restava, porque, além da fortuna deixada ser transitoria, ficára sujeita a immensas dividas, sendo eu um dos principaes credores, e que toda ella não chegava para satisfazer um terço do onus a que era sujeita.

O homem não esteve pelas minhas comportas, e bateu o pé que tudo a-

quillo era uma embaçadella. Não querendo mais atural-o despedi-o bruscamente.

O homem prepoz-me uma demanda: eu tinha amigos e dinheiro, e atrapalhei-o o mais possível.

Porém o diabo era renitente! As sentenças que obtivo em meu favor não o desanimaram, e elle continuou a luctar, posto que desvantajosamente.

Usei de todos os meios da chicana: demoras, dificuldades, embaraços, e com tudo elle perseverava em seu proposito! Gastei dinheiro às mãos cheias, empreguei a peita, o suborno, e quando pensava que o mal lito de cansado abandonava o negocio, mais emperrado proseguiu.

Para encurtar razões, depois de sahir victorioso em todas as instancias judicarias, o endiabrado recorreu para um tribunal superior que tinha *relação* com outros.

Já sabe, que continuei no meu systema de atropello e embaraços.

Os homens porém desse tribunal, não sei si por serem gordos ou mais velhos, gostam de *come*, mais e não é la com qualquer coisa que se lhes tapa a bocca. Os que eram da *cueca*, (por que todos não são comelões) queriam uma somma exagerada para aranjarem o negocio a meu favor.

Alguem então, lembrou-me que eu podia acabar o negocio com muito menos, fazendo uma composição com o velho, e dando-lhe alguma fração da herança.

Encarreguei á esse alguem de tal commissão.

Foi elle ao tio dos meninos e propoz-lhe dar 30:\$000 a seu sobrinho, com tanto que elle desistisse da acção intentada contra mim.

O homem achou pouco; porem o habilidoso intermediario com uma habilidade inexcédível provou-lhe que a herança não era mais do que aquillo, e que isso mesmo era duvidoso, porque podia ainda ter sentença contraria, e que assim achava melhor acabar a questão amigavelmente. O velho acapacitou-se de tudo e concordou com o negocio.

Recebeu os *cumquibus* e foi-se com seu sobrinho, deixando me em santa paz.

Assim vi-me eu senhor de uma fortuna maior de 300:\$000 por uma ridicularia.

Com tudo restava ainda os vestigios desse latrocínio, que eram os autos e mais p'peis que diziam respeito á questão. Era preciso, portanto, acabar com os indicios de todo esse acervo de torpezas, para um dia, quando eu me proclamasse o tyto da honradez não visse algum desalmado, com as provas de meu desabrido e nefando passado lançar-me em rosto o ferrete do avillamento e da rapinagem.

Foi em casa de um desembargador onde costumava juntar-se a melhor gente de certa ordem de Latronopolis que consumou-se a minha obra de perversidade.

O secretario do tribunal superior que tinha *relação* com os outros, encarregou-se, a instancias do Nabuco, de consummir todos os papeis que me diziam respeito, mediante a paga de 8:\$000 rs, dinheiro que recebeu de contado, e que perdeu-o quasi todo nessa mesma casa, no jogo da lebre.

Eis a primeira phase de minha opulenta fortuna.

Dinheiro chama dinheiro, e vae ver V. Ex. como soube emgrossal-a cada vez a mais.

(*Continúa.*)

VARIÉDADIE.

OS VOLUNTARIOS DA PATRIA.

I

O LAVRADOR.

A patria offendida reclama dos filhos
 Contra esse tyrauno da pobre Assumpção,
 O braço valente na lucta renhida.
 No golpe certo, temivel a mão!

Eu parto, deixando de *cama* um roçado,
 De mais de mil pés que pertence-me todo
 Prefiro arriscar-me a perder minhas posses
 A ver meu pendão arrastado no lodo

Quando era mais moço afrontei *derrubadas*,
 Em lascas fazendo gigantes *ipés*!
 Do sol aos ardores a fronte abrasava

E as cobras terríveis pulavam-me aos pés!
Os braços que sabem fazer *derrubadas*,
Abatem brincando servis paraguayos!
Os olhos, que o sol não cegou tão ardente!
Fulminam o inimigo, dispendem-lhe raios,
As cobras não temo; q' importa-me a serpe,
Que ouzã la offendeu minha jovem nação?
O mundo hade ver como nós voluntarios
Havemos matal-a pisando-a no chão.

Direi, avistando as contrarias phalanges
Comigo sorrindo—« que immensa *coivara*!
A pós ellas todas serão reduzidas,
Ao fogo dos bravos que a patria enviara!
E o tigre, que os nossos irmãos assassina,
Confia somente na fêra Humaytá
O que ha de mais rijo abatamos folgando;
Em pé ante nós ella não ficará.

O peito brasilio è na guerra a que vamos
Qual tronco de forte, robusta *paineira*,
Enterra os espinhos no braço, na luta,
No peito da gente cruel, traçoeira.

Stà proximo o tempo da bella *moagem*
E agora p'ra terras longiquas eu vou!
Qu' importa! mais bella è de gloria a c'ron
Que a patria orgulhosa a sorrir me apontou.

Nas matas as aves mil cantos elevam,
Os prados, as aves se cobrem de flores,
Bem cedo ouviremos as aves saudando-nos
Eas flores virão nos ornar vencedores

HORRIVEL CASTIGO.

No dia 43 de janeiro fui soffrer o rigor
da lei um camponez, accusado de ter mata-
do uma pulga que lhe roia a sola do pé.

O castigo foi o seguinte:

O algoz, pegando em uma faca, cortou-
lhe primeiramente a menina do olho direi-
to da ponta do dedo grande; depois mettend-
o-lhe a mão pela cabeça, arraucou-lhe
uma perna; finalmente, com uma palha
mettida pela orelha, lhe tirou as tripas pelas
costas.

Que horror!

Para que o leitor se tranquillize, diremos
que isto aconteceu no Paraguay, no anno 16
antes de Mafona.

Um remedio contra as pulgas
Ensinaram-me outro dia;
E' vestir-se a gente d'ago
Como d'antes se fazia;
Ou então fazer-lhes fogo
Com peças d'artilleria.

TRES MULHERES.

« Então, Patrick, você tem casado tres ve-
zes?»

—E' verdade, Billy, tres vezes!

—E de qual das tres mulheres tem gostado mais?

—Eu te digo, Billy. A primeira com quem casei, que foi Becky O'Brien, era uma boa mulher, mesmo uma santa, morreu, e Deus levou-a para si. Casei então com Bridget. Era uma mulher diabolica, adoeceu, morreu, e levou-a para si o diabo.

—E a terceira?

—Ai, a terceira! Eu estava bem doudo quando metti em minha casa Margarida.

Era muito peor do que Bridget. Era uma furia. Era uma mulher tão má, que nem Deus, nem o diabo a quizereram para si e eu... e eu tive de atural-a sempre na minha companhia ..

O ANJO DA GUARDA.

Você è um desgraçado, dizia um confessor a um pobre diabo que se embriagava com frequencia; lembre-se de que quando você entra em uma taberna, o seu anjo da guarda para á porta a chorar.

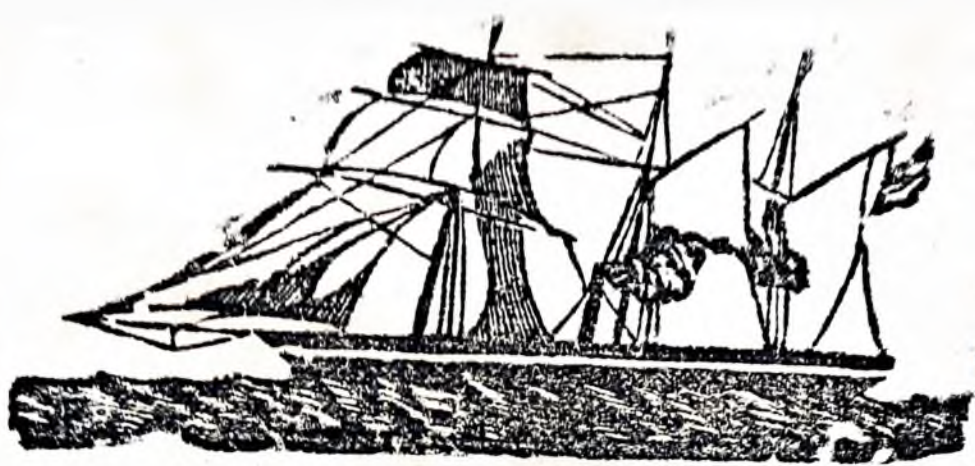
—Ora adeus! respondeu o beberão, si elle não entra tambem, è porque não tem seis vintens na algibeira.

ANNUNCIOS

Pede-se aos amigos que devem na venda sita á ladeira do Aljube que faz quina para a ladeira dos Gattos n. 1, que venham saldar suas contas dentro em dez dias, do contrario passarão a ver seus nomes em uma lista publicados n'este periodico.

Bahia 13 de fevereiro de 1867.

O abaixo assignado, tenente reformado do exercito, tendo de seguir para o Pará no mez de março do corrente anno, como determina o governo da provincia, de conformidade com o aviso do ministerio da guerra de 22 de dezembro ultimo, e não tendo quem possa encarregar-se do negocio de seu estabelecimento, sito no Campo da Polvora, convida áquellas pessoas, que tem alli objectos empenhados, a resgatal-os até o dia 28 de fevereiro proximo vindouro; advertindo de que os penhores vencidos, não retirados até este dia, serão em 8 de março seguinte vendidos em leilão, na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860. Bahia 30 de Janeiro de 1867.—Raymundo Nonato da Silva.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 19 DE FEVEREIRO DE 1867. —SERIE 17.^a—N. 166

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latrotopolis, bordo do *Alabama* 18 de fevereiro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. inspector da illuminaçãõ publica, pedindo-lhe que faça com que a companhia do Gaz seja obrigada a dar mais um pouquito de luz nos lampeões dos Campos Grande e Barbalho.

Portaria ao fiscal da Sè, ordenando-lhe que ia continenti metta na Correcçãõ o Salvador, taverneiro às Portas do Carmo, n.º 6, que traz os visinhos incommoda los com as immundicias e excrescencias que despeja na rua. Semelhante ordem deve ser restrictamente observada, visto que ha quem diga que sendo o mencionado fiscal prevenido, contentou-se em avisar ao vendelhão para que, em vez das nove horas, fizesse o despejo mais tarde. Cumpra.

—O Chico Carteira, deixou bons discipulos!

—Principalmente aquelles que *vi-viam* em commum com elle.

—Ouça lá uma obra *limpa* da gente do! olho-vivo:

Os impressores do *Alabama* foram chamados á juizos pelo Sr. Quintani-

lha para apresentarem o authographo de uma carta.

No acto de ser ella apresentada, ao Sr. Arsenio advogado do Sr. Quintani-lha, agrupou-se em torno d'elle uma *chuva* de mironis de envolta com os Srs. João Americo e Evaristo Gomes, procuradores da parte, Chuvas e outros, para lerem o documento, e não sei quem, com uma ligeireiza que faz inveja ao mais insigne escamoteador, passou um traço sobre a assignatura da pessoa a quem foi dirigida a carta, julgando talvez que essa pessoa era o responsavel pela publicaçãõ de semelhante papel!

Isto deu motivo a que o Sr. Arsenio, muito cheio de si, impugnas-se a responsabilidade por se achar, dizia elle, *vi-ciada*; ignorando que a verdade ira estava nas costas do papel, e ficou um pouco *vexado* quando se lhe advertiu disso.

—E a tranquibernia não aproveitou aos meliantes, por conseguinte?

—Nem aproveitaria, iuda mesmo que outro não fosse o responsavel, por que o factõ de ter reconhecimento publico destruiria qualquer fraude empregada pelos tratantes.

Eu so estou a animosidade dessa gente do olho vivo!... n'um auditorio daquelles, em presença de um magistrado, que reconheceu por seus proprios olhos

a frescura da tinta commetterem uma acção tão iniqua!

— Ora V. admirando-se de tao pouco!

Quem tem visto nesta terra *testamentos Teixeira* e outras *chuvas* de bandalheiras tem la quo se admirar?

Quem vê individuos metterem-se em irmandades para morarem de graça em suas casas; quem vê sujeitos fazendo subscripções para solemnisarem o anniversario das mulheres; pode admirar-se de tão pouco, nesta terra classica das ladroeiras?

— Todo fim dos *pandorgas* era dar com os impressores na *riosca*, porem, o plano foi mal-parido e alguém tomou uma lecção para outra vez.

— E prosegue o processo?

— Parece,

— Quem é o procurador?

— O João Americo.

— Este João Americo!

Eu tenho certas cousinhas para contar-lhe com vagar.

— Que negrinha endiabrada!

Com sua graça encommodou meia duzia de familias, levando toda roupa em uma trouxa.

— O que foi?

— Uma escrava do Sr. João Pinto Barreto, que arranjon uma porção de torcidas bem ensopadas em azeite, lançou fogo em diversos cantos da casa, quando os Srs. dormiam, e empurrou-se.

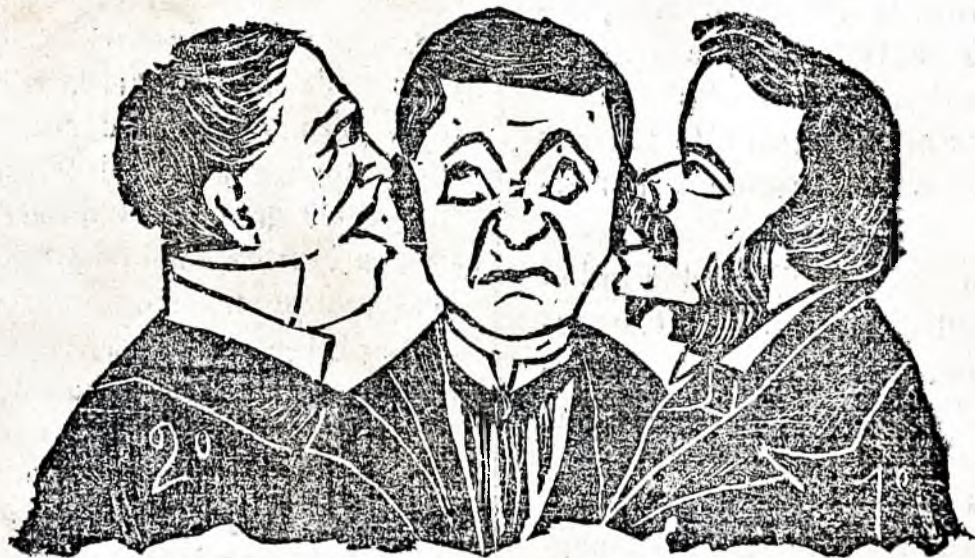
Si a cousa não é ao romper do dia, vae-se tudo com a breca, por que as escadas ja ardiam.

— Quando foi isso?

— Ao amanhecer do dia 17.

— Agora é punir a criminosa e agradecer a Providencia o haver se podido evitar mais um caso triste a lamentar.

Um eleitor entre os amigos de dois candidatos.



1º—Sr. Eleitor,—V. S. deve votar no Almeida, por que do Governo o Sr. pode esperar alguma cousa.

2º—Meu amigo, não creia nessas promessas; vote em nosso Cunha, por que é um moço liberal e o outro é hespanhol.

Eleitor—Valha-me Deus! antes estar no inferno; quem me mandou meter em camisa de onze varas?

LA VAE VERSO.

O votante.

Me affirmam que sou votante,
Cidadão qualificado;

Olé!

Por isso ja não descarço,

Dia e noite atormentado

Com pedidos

Que respondo:—Só eu voto,

Só vou lá,

Si me derem boa roupa;

Tra-la-rá....

Sem o que, palavra de honra;

Não vou lá

D'estas terras, onde planto,
Vem o dono e diz-me ativo:

«Olé!

« Si você não der-me a chapa,
«Fora, fora!» Si eu me esquivo,

Ralha muito;

Que ameaças!... Todavia

Só vou lá.

Si me der roupa e diuheiro,

Tra-la-rá....

Sem o que, palavra de honra,

Não vou lá.

Ap parecem meus credores,

O logista, o taberneiro;

Olé!

E me dizem:— « Tome a lista.

«Ou pague o nosso dinheiro

Sem demora!»

Eu respondo:—So en voto,

So vou lá,

Si deixar dinheiro em casa;

Tra-la-rá...

Sem o que palavra de honra,

Não vou lá.

Da guarda nacional

Me vizita o meu sargento.

Olé!

E me diz:—« Do commandante.

«Hoje vi-o n'um acento

«Sem dispensa,»

Eu respondo:—Só eu voto,

So vou lá,

Si me der o que preciso;

Tra-la-rá.

Sem o que, palavra de honra,

Não vou lá.

Do quartirão onde moro

O Inspector dà-me aviso;

Olé!

Que o meu voto ao delegado

Muito e muito ora é preciso...

Que vexame!

Eu respondo:—So eu voto,

So vou lá.

Si me der uma jaqueta;

Tra-la-rá...

Sem o que, palavra de honra,

Não vou lá

Si não voto, o *potentado*

Da terra me lança fóra,

Olé!

Onde irei plantar legumes,

Para o meu filho que chora

Na miseria?...

Oh, que sorte!... Todavia

Só vou lá,

Si me der camisa e calça;

Tra-la-rá...

Sem o que, palavra de honra,

Não vou lá.

Si não voto, meus credores

Penhoram meu possuido;

Olé!

Fico á tóa, sem a choça,

Sem meu legume e despido:

Santo Deus!

Oh, que sorte!... Todavia

Só vou lá,

Si me derem bom chapéo;

Tra-la-rá...

Sem o que, palavra de honra

Não vou lá.

Si não voto, o *Commandante*.

Não me esquece na revista;

Olé!

Me destaca e me persegue,

Me atropella, me contrista

Com serviços....

Oh, que sorte... Todavia

Só vou lá,

Si me derem bom calçado,

Tra-la-rá...

Sem o que, palavra de honra,

Não vou lá.

Si não voto o *Delegado*

Me processa sem delicto,

Olé!

Soffro algemas e cadeia...

Si não tenho um—rapazito,

Sou recruta....

Oh que sorte.... Todavia

Só vou lá,

Si me derem muita cousa;

Tra-la-rá....

Sem o que, palavra de honra.

Não vou lá.

Si votar no *Delegado*

Soffrerei do *Commandante*.

Olé!

Si votar nos meus *Credores*

Soffrerei, « pobre votante!»

De outro as iras..

Oh, que sorte!... Meus amigos,

Só vou lá,

Si ganhar algum dinheiro;

Tra-la-rá....

Sem o que, palavra, honra

Não vou lá.

Mas si vou dar o meu voto,

Lá da mesa o presidente,

Olé!

Sime chamam, me rejeita,

Diz ser outro... Logo a gente
 Si alvoroga...
 Ha pancadas!... Que perigo!
 Sou vou lá
 Si me derem muita cousa;
 Tra-la-rá...
 Sem o que, palavra de honra,
 Nao vou lá

(Eul.)

A PEDIDO.



—Capitão, prometti de voltar em fevereiro, e aqui estou; sou pontual como um corso.

—Que vem ainda fazer ca?

—Narrar-lhe as ladroceiras desse infame *Medonho*.

Em primeiro lugar porém, va sabendo que o birbante mudou de *casquete* com o anno novo. Trocou o lodoso chapéu de palha, por um encapellado bispote de pello russo como côr de rato velho de cloaca, e enfumaçado como a cara dessa alimaria.

Depois, saiba que essa besta foi abalroar um menino empregado do V. Ex. e offerecer-lhe uma cedula de di-

nheiro com tanto que elle lhe dissesse quem é que sabia tanto dos seus pessi-mos feitos para os andar publicando.

—E o menino o que fez?

—Repelliu com dignidade a offer-ta desse animal immundo.

Agora anda apregoando que dá rs. 1:000\$ a quem lhe descobrir com certeza o atrevido que lhe anda deitando os podres de fora.

—Elle que dá é por que tem.

—Era pena que não tivesse, commet-tendo tantos roubos e arrancando tão descaradamente o suor alheio.

Porém eu achava mais prudente que elle pagasse a quem deve para não passar pelo que ja soffreu de um sujeito que o deitou do cavallo abaixo por causa de dividas, no tempo em que elle ostentava grande luxo e andava de lacaio, e outro que, n'um dia em que o *fusco* ia mui lampreiro n'um carro passou-lhe uma tremenda desandadeira.

Esse bugre tem 1:000\$ rs para quem lhe descobrir quem o está des-mascarando, e não paga aos pobres carroceiros com quem ajustou o car-retto de pedras, barro e areia; o que deu origem a que um delles, portuguez, na rua Torta do palacio o agarrasse pela sebosa aba de *gibão*, na porta do juiz das *tres varas*, e lhe quizesse tirar dos queixos o valor de seu trabalho, dando um espectáculo que desafiou a attenção de todos que passavam.

—Eu não sei; o caso é que elle anda bom fresco.

—Si elle sempre acha incautos para roubar, porque não hade andar de cara enchuta?

Não ha muito que uma illustre se-nhora, parenta dos Gomes e filha do Castro, moradora na rua das *Contas Enfiadas* pelo *João Pereira*, foi victima de uma crassa ladroeira desse vampiro da fortuna alheia. Contratou com elle o concerto de uma propriedade, e deu-lhe parte dos cobres adiantados. A sanguesuga apanhando-se com a *chelpa*, empurrou-se; depois vendo que seria obrigado a cumprir judicialmente o contracto, contontou-se em mudar as portas de um logar para outro, fez ligeiros

concertos, empregando as mesmas madeiras arruinadas, o pessimo material, e deu a obra por prompta, soffrendo a senhora esta infame extorsão.

—Que vida! So assim pode-se viver nesta terra!

—E anda este bandalho-mor de cabeça altaneira, quando ha muito já devia estar com a pega no pé!

Só do *Tomas* quer elle agora *saquear* para mais de 3.000\$ rs, quando o homem, por uma obra que lhe mandou fazer, ainda o gratificou além do ajuste.

—Sabe, 'o seu exordio está muito cumprido, vamos agora ao sermão.

—Então, preste-me sua benevola attenção que vou principiar.

(*Continúa.*)

Chama-se certo official de voluntarios chegado ha pouco do sul, a vir entregar as 120 libras que lhe foram confiadas para entregar a uma viuva nesta provincia, bem como uma carta com mais 3 libras, o que de tudo até hoje não deu solução. Isto quanto antes, porque vae-se mandar buscar documentos para proceder-se judicialmente e publicar claramente o facto.

O Domingos filho da Neves

VARIETADE.

OS VOLUNTARIOS DA PATRIA.

II

O PESCADOR.

Minha choça abandono, meus filhos

Ficarão soluçando por mim!

E a mulher, que me faz tão ditoso

Ai, meu Deus, já soffreu tanto assim?

Não importa; o dever me arrebatá

Para longe da terra gentil!

Vou lutar com inimigo insolente

Vou vingar o meu patrio Brazil

En lamento deixar estas praias,

Onde as vagas desmaiam—de amor!

Mas, alegres vereis conquistadas

Hostis plagas—da lucto ao furor!

Como fogem da minha canoã

A tremerem os peixes a mil,

Fugirão os cruezs inimigos

Vendo as hostes do patrio Brazil!

Este mar è sereno, è tranquillo,

Mas as vezes o irrita o tufão....

São aqui todos bons, quando amigos.

Ante o insulto medonhos serão.

Eu as ondas não temo raivosas

Caiam raios e ao sulco febril

Sorrirrei entre as ballas na lucta

A vingar o meu patrio Brazil.

Contemplando este cên, estas ondas,

Em ser livre não se hade pensar?

Para nós será bello bem cêdo

Paraguayos servis libertar.

Como as vezes entrego-me ao vento

A perder-me das plagas no anil.....

Entrarei bem no fundo das terras

Do tyrauno, vingando o Brasil!

Tubarões que espedaçam canoãas.

Onde estão sei—e passo por lá....

Não, não podem assim brasileiros

Patriotas temer Humaytá!

Innocentes os peixes combato....

Porém ante esse despota vil?

Deixo as redes, só quero espingarda,

P'ra vingar o meu patrio Brazil?

Minha pobre canoã tão leve,

Minha irmau sobre as ondas, adeus!....

Ai mulher, filhos todos queridos,

Vós ficais sob a guarda de Deus!

Ese cên, que recamam estrellas,

Este mar que na calma é anil,

Heide vel-os de novo, mas quando

For vingado o meu patrio Brasil.

(*Canções patrioticas.*)

ARMAS.... SEM SER D'AGULHA.

As armas são os instrumentua com que agredimos, e tambem com que defendemos.

Nisto não damos novidade nenhuma ao leitor.

Porém o que hade ser novidade para elle com toda a certeza, é que ha uma tal variedade de armas que d'ellas fazemos o seguinte catalogo:

As armas do homem illustrado, são a razão.

As do ignorante, as materias que encontra mais promptas.

As do maldizentes, a lingua.

As da mulher, as lagrimas.

As do cobarde, as pernas.

As do papa, as excomuniões.

As do medico, um recipe.

As do avaro, a miseria.

As dos bebados, o copo.

As do negociante, o interesse.

As do professor, a paciência.
 As da justiça, uma balança.
 As dos padres, o hyssope.
 As do intrigantes, os mexiricos.
 As do bajulador, as zumbaias.
 As do pretendente, a teima.
 As dos namorados, os arrufos.
 As do tolo, as pedras.
 As dos caloteiros, as promessas.
 As dos confessores, as grandes penitências.

As do hypocrita, a beatice.

As do ambicioso, o amor da patria.

Finalmente, as armas dos filalgos são o dezeinho de umas garatujas a que elles chamam braço, e as pessoas sensatas chamam toleima.

Tudo isto são armas, e o que è certo è que algumas d'ellas matam como qualquer arma, como as d'agulha, por exemplo, sem irmos mais longe

(*Extr.*)

A UMA INTERESSANTE MENINA.

«*Não quero debique.*»

Eu vi n'uma rua,
 Em certa janella,
 Menina mui bella
 Menina mui chique;
 E disse-lhe—«Adeus;»
 Mas ella arrufada.
 Me disse, zaugada,
 «*Não quero debique*»

Então repliquei-lhe:
 Não fuja Sinhá;
 Matuta, p'ra cá,
 Lhe peço que fique;
 Mais ella bisonha
 Me disse:—«*Receio;*
 «*Tudo isto è flauteio;*
 «*Não quero debique.*»

Flauteio não é;
 Eu fallo verdade,
 Oh! por piedade,
 Sinhá não implique;
 Mas ella fugindo,
 Respondeu me olhando:
 —«*Ai pode ir cantando;*
 «*Não quero debique.*»

—*Sinhasinha é bonita,*
E' linda e engraçada,
Tem face rosada,
Do vivo rebique;

Mas ella corando,
 Fugiu apressada
 Gritando zangada:
 —«*Não quero debique*»

ANNUNCIOS

Um excellente prelo de madeira se diz nesta typographia quem o vende barato.

Pede-se aos amigos que devem na venda sita á ladeira do Aljube que faz quina para a ladeira dos Gattos n. 1, que venham saldar suas contas dentro em dez dias, do contrario passarão a ver seus nomes em uma lista publicados n'este periodico.

Bahia 13 de fevreiro de 1867.

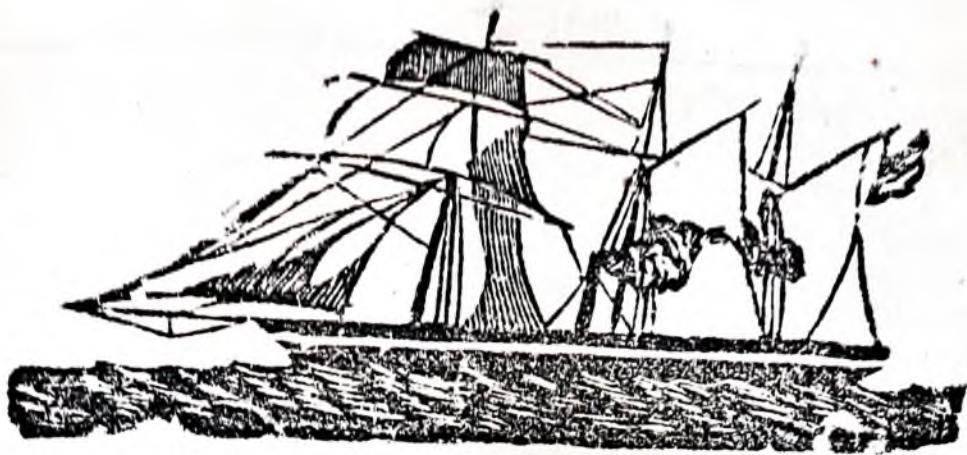
O abaixo assignado, tenente reformado do exercito, tendo de seguir para o Pará no mez de março do corrente anno, como determina o governo da provincia, de conformidade com o aviso do ministerio da guerra de 22 de dezembro ultimo, e não tendo quem possa encarregar-se do negocio de seu estabelecimento, sito no Campo da Polvora, convida áquellas pessoas, que tem alli objectos empenhados, a resgatal-os até o dia 28 de fevreiro proximo vindouro; advertindo de que os penhores vencidos, não retirados até este dia, serão em 8 de março seguinte vendidos em leilão, na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860. Bahia 30 de Janeiro de 1867.—*Raymundo Nonato da Silva.*

O Sr. Eduardo José Calvacanti é rogado com instancia a ir á venda ao becco dos Sette Pecados, quina para a Piedade.

Pede-se a certo official pertencente a um corpo que apesar de permanente é provisorio, que vá a venda do Gravatá pagar a quantia de 9\$240 que deve ha tempo, si não quer ver seu nome por extenso.

O Porilla.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIUSTOSO.

BAHIA—ANNO V. 21 DE FEVEREIRO DE 1867. SERIE 17.^a—N. 167

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latroopolis, bordo do *Alabama* 20 de fevereiro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do Sant'Anna, dizendo que, por innumeras vezes se tem levado ao conhecimento dessa subdelegacia os alarmas, que se dão constantemente nos beccos do Castanheda, principalmente no do Araçá, no qual ha uma casa de jogo; e, como nenhuma providencia tenha apparecido, ainda uma vez se chama a attenção de S. S. para semelhante logar, onde raro é o dia em que não ha um conflicto, sendo que ainda, no dia 18, João Candido da Familia espancou sua amasia *Aninha Perigo*, pondo-lhe a cara em tacos.

A' vista do exposto, espera-se que S. S. não olvidará tão razoavel pedido.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que agarre tres *meninas felizes*, que andam, alta noite, á fazer algazarra e *pintar Simão* por esta cidade, proferindo os nomes mais torpes e obscenos, que ha no kalendario da depravação. Estas *perdidás* são moradoras na rua da Faisca e chamam-se Emilia Cobra, Irias e Luiza, porém andam constantemente pela freguezia da Sé,

às duas e tres horas da noite em companhia de certos meliantes. Cumpra.

—Hoje é 19 de fevereiro, e ainda os Srs. apontadores do arsenal de marinha não se dignaram de apromptar a folha da quinzena dos pobres operarios!

—Ora está! V. se admirando de tão pouco! A quinzena passada foi paga 12 dias depois de vencida.

—E sabe quem lucra com isto? São os usurarios, que emprestam dinheiro naquella casa, com um agio extraordinario.

—Si não fosse duvidar do caracter dos apontadores, eu diria que elles tem interesse em proteger a essas sanguessugas do suor alheio, e por isso são tão morosos em suas obrigações.

—Si houvesse quem levasse isso ao conhecimento de S. Ex. o Sr. presidente da provincia, estou que elle faria acabar com semelhante abuso.

—Pois eu aproveito sua lembrança; e vou ver si o homem se condõe dos pobres operarios.

—A empresa da limpeza, que ia tomando algum geito, e se compenetrando de suas obrigações, vae outra vez cahindo em deleixo: ha ruas, que, ha muito não voem, vassouras, e n'outras os varredores são pouco cuidadosos.

—Mas que quer? Sacco vasio não se põe em pé. Os pobres homens estão às escuras: ha dous mezes, que não recebem com que comprar os melões.

—E a razão disso?

—E' porque a provincia não paga ao empregario e o empregario não paga aos empregados.

—Entendo; quem não dá para o pranto, não pode pedir demasia, e por tanto o serviço vae feito á vontade.

—Quando se pede ás nossas authoridades providencias para certos factos, ellas nenhum caso fazem dos pedidos.

Depois são obrigadas a punir o que podiam prevenir.

—A que vem isso?

—Ao facto de haver Mathias da Encarnação quebrado a cara de um caixeiro do Sebastião.

—Quem é esse Mathias?

—Um beberão, para quem se tem constantemente chamado a attenção das authoridades pelas insolencias, que commette quando bebado, tendo até o desaforo de em qualquer lugar arrear as calças e satisfazer certa necessidade, além do com a ferina lingua insultar qualquer pessoa, homem ou senhora com vozes injuriosas. As authoridades nunca se importaram. Mathias foi um dia destes tomar seus dez reis á venda do Sebastião, e chamou o caixeiro de *maroto*, este atirou-o ao chão, e Mathias, levantando-se, pespegou-lhe com uma *garrafa*, que lhe poz a cara em *pantanas*.

Foi preso e vae ser processado.

Não se podia ter evitado isso?

—Podia-se; mas si elle estava embriagado, estou que a cousa fica ainda para outra que elle fizer.

—Está decidido! Em *Latronopolis* o direito é do que tem mais força

Parece que nesta terra não ha quem nos governe!...

—Não diga isso. Temos chefe, delegado, subdelegados de policia, uma chusma de inspectores, agentes, espiões secretos, soldados etc.

—Entretanto, si possivel for, mata-se na rua, em alto dia, á vontade.

Ainda no dia 16, vi na Baixa dos Sapateiros, um tal Frederico, matador de porcos, espancar descommedidamente do cacete a uma mulher, sem que ninguém a acudisse, o si ella não corrou para a tulha do João Fagundes, creio que morria debaixo do pau do homem.

Ora si na Baixa dos Sapateiros, um dos logares mais transitados e concorridos, por ser um ponto de mercado, espanca-se atroz e impunemente, retirando-se o aggressor ufano de sua acção, o que não será em outro lugar?

—Mas para que fallar, si conhece que está clamando no deserto?

O Frederico espancou a mulher, ficou com a mão assentada para espancar outra; lá virá um dia em que achará quem lhe faça peior.

E' a ordem do mundo.

A PEDIDO.



(Continuação.)

—Principiarei por um facto abominavel, facto que horrorisa, que avilta a natureza humana á condição do bruto,

praticado por esse execravel *Medonho*.

Tinha essa serpo venenosa uma escrava africana, com quem amasiou-se, e de quem teve uma filha.

A todos dizia o abjecto ser humano que a menina era sua filha, razão porque a libertou na pia baptismal e como sua filha foi ella creada.

Entretanto cresceu a menina e pôz-se moça.

Então no nefando coração do detestavel *Medonho*, coração azado á toda sorte de malversações, entrou a germinar uma depravada e lasciva paixão para com a pudibunda virgem.

Esse reprovado amor desenvolveuse e tomou gigantescas proporções n'aquelle peito, ninho de torpezas e ruindades.

Não a tratou mais como sua filha.

Prodigalisava-lhe amiudadas caricias, mas caricias d'aquellas que dispensa a panthera, antes de sangrar a preza.

—Para encurtar razões, tanto soprou S tanaz na orelha de *Medonho*, que esse tigre concluiu seu indemoninhado intento.

—Que perverso!..... E a terra não se abre para engolir semelhante monstro!

—A casta virgem, que tinha sido educada na qualidade de filha, foi arrastada á condição de amante do verdugo!

.....
Encetada a carreira libidinosa, não houve torpeza que essa alma de porco, ebria de sensações luxuriosas, não puzesse em pratica.

Não houve repugnancia ante a lei da natureza, escrupulo ante a lei social, que demovesse o dragão a arripiar a carreira infame, que encetára.

A mãe da rapariga, supportou por muito tempo aquelle duplo quadro de escarneo e immoralidade, que seu indigno senhor lhe arremessava á face: e ver sua filha atirada ao charco da prostituição em sua presença, por aquelle que em algum tempo se disse seu pai!..

A final, não poudo ser impassivel á escandalosa e torpe scena, que se passava a seus olhos, e revoltou-se, lançando-lhe em rosto seu criminoso o indigno procedimento.

Rebellou-se, porque seu infame senhor não guardava o menor decoro e consideração, quando intentava satisfazer seus brutaes instinctos.

Por sua rebeldia foi asperamente castigada.

A africana, então pediu que a vendesse, pois não queria ser testemunha da perversão de sua filha.

Medonho, esse homem com feições de dromedario, que muitas vezes dissera á preta que ella era sorra e que até lhe mostrára a sua carta de liberdade, sem o menor pejo, vendeu-a; o que para ella, coitada, foi um allivio.

Eston um pouco fatigado, peço licença a V. Ex. para descansar; depois continuarei.

—Vá-se com Deus.

(*Continúa.*)

VARIEDADE.

OS VOLUNTARIOS DA PATRIA.

III.

O tropeiro

Amanhan partirei; não levo *tropa*,

Vou para a côrte só;

O paulista não pôde ver *patricios*

Massacrados sem dó!

Viaggi nesta estrada muitas vezes

Com toda a soberbia,

E' porque, homem de honra, trabalhava,

Mesmo a ninguem devia.

Amanhan a cabeça ir-me-ha mais alta

Montado no *baguá*;

E' que vou ser da patria voluntario,

Assaltar Humaytá.

Rosa, o café prepara-me bem cedo,

Quando cantar o gallo.

Benedicto, has de então ver os arceios

Sellar o meu cavallo.

Tyrano paraguayo é a *madrinha*

D' uma *tropa* servil;

A's tontas s'escapou do bom caminho;

Offendeu ao Brasil.

Coitado! vai cahir n'um *atoleiro*,

Vai se perder, bem feito!...

P'ra se livrar s'esforçará debalde,

Não achará mais *geito*!

Quando da serra avisto o mar ao longe

Sinto grande emoção!

Pois quero agora atravessar o mesmo
Ao bramir do tufão!

Eu ardo por chegar bem cedo às plagas,
Que o inimigo habita!
Só desejo bater na lucta em ira
E-sa gente maldicta!

Minha viola, doce companheira,
Não posso te deixar!

Quero a teu som, tangendo-te contente,
A victoria cantar!

Nas noites claras, triste, a minha terra
Alembraei contigo!

No *pouso* dormirás junto a meu peito,
O sono, brando amigo.

Sei manejar a faca e a pontaria
Não erro o trabuco.....

Não tolero insolencias, trema aquelle
Insolente e maluco.

Hei de ser bom soldado, combatendo,
Da patria voluntario!

Saberei com destreza, n'um momento
Derrubar o contrario!

Amanhan, quando n'alva prasenteira
Inda o orvalho cabir,
As faces molhar-se-hão na despedida,
Ao pae que vae partir!

Si eu morrer, minha gente, na peleja
Orem todos por mim,

Si o tropeiro é bem pobre, quando morre,
Morre com honra assim.

(*Canções patrioticas.*)

BANHOS.

Abaixo publicamos a copia fiel de uns banhos que, na villa de Goiainha, da provincia do Rio-Grande do Norte, foram apresentados ao Rvm. vigario para serem publicados.

« Illm. Rvm. Sr. R. P. Vigario.

Querem cazarem na facia da Igreja os dois suplicantes oradores macho, e femca que ja andava desencaminhalos, Cosme Periguella e Thereza da Motta que os quae são fios de Joanna Sem Marido e do Sargento Guierme Coto' com sua muié defunta que morreu de parto Maria do Rosario. Quem sober de algum indromineo que chama impedimento de fazê má a ôtra muié que está prefeita como sua mai que a pario venha renunciar o Padre da Freguesia sobre pena de excomunhão dannada como manda o Conceio Tripintino.

Goianinha 22 de Março de 1865.

(*Extr.*)

EMPREGOS QUE NÃO CANÇAM A QUEM OS SERVE.

Thesoureiro do irmandade.

Fiscal de freguezia.

Delegado e subdelegado.

Tutores de menores ricos.

Curador de heranças jacentes.

Procurador de freiras.

Comprador de frades.

Fornecedor da nação.

Vereador da camara municipal.

ANNUNCIOS

O abaixo assignado, tenente reformado do exercito, tendo de seguir para o Pará no mez de março do corrente anno, como determina o governo da provincia, de conformidade com o aviso do ministerio da guerra de 22 de dezembro ultimo, e não tendo quem possa encarregar-se do negocio de seu estabelecimento, sito no Campo da Polvera, couvida áquellas pessoas, que tem alli objectos empenhados, a resgatal-os até o dia 28 de fevereiro proximo vindouro; advertindo de que os penhores vencidos, não retirados até este dia, serão em 8 de março seguinte vendidos em leilão, na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860. Bahia 30 de Janeiro de 1867. — *Raymundo Nonato da Silva.*

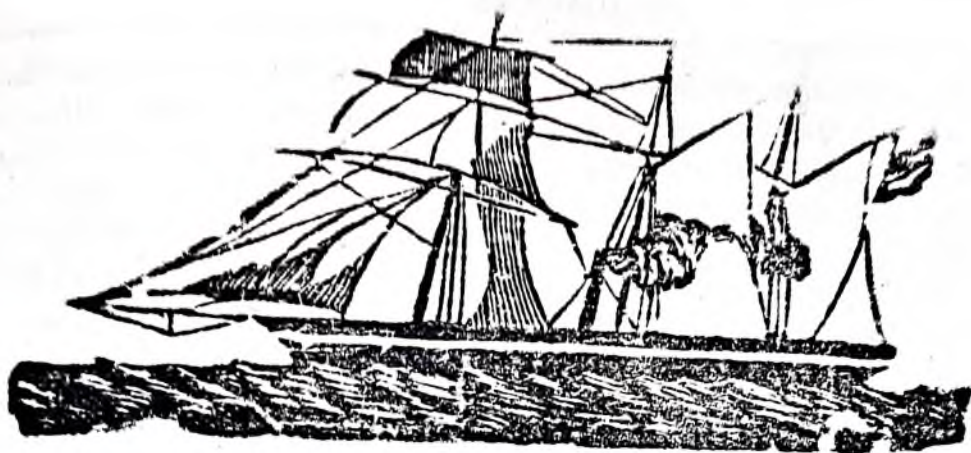
Na loja n.º 4 á rua Direita da Misericordia, vende-se papel para requerimentos, penas de aço, rapé, cera bilhetes de loteria, cartas do enterro, charutos, graxa superfina, etc.

Uma pessoa habilitada, se propõe á caxeiro para dentro ou fora da cidade, ou mesmo para mandados para qualquer logar.

Quem precisar procure na confeitaria do Sr. Antonio Mauuel Pereira Junior no becco do Catilina á cidade Baixa.

O Sr. Eduardo José Calvacanti é rogado com instancia a ir á venda ao becco dos Sette Pecados, quina para a Piedado.

Tjp. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

23 DE FEVEREIRO DE 1867.

SERIE 17.^a—N. 168

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagas adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de fevereiro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. inspector da illuminação publica, pedindo-lhe que condoa-se não só dos moradores da rua do Carro, como tambem de quem tem a infelicidade de ser obrigado a passar por semelhante rua á noite.

Esse precipicio, cheio de *altose baixos* e que bem se pode chamar um sorvedouro, até hoje não possui um lampeão, o que tem dado origem a que innumerables pessoas vão com o socinho cheirar o chão, além de um braço deslocado, uma contusão, etc., e ultimamente, ha poucos dias, um infeliz fracturou ahí uma perna, e foi carregado para casa. Espera-se á vista disso, de S.S. uma providencia.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que mande deitar um batoque no buraco que ha no principio da subida da ladeira da Misericordia, a fim de evitar alguma perna quebrada. Cumpra.

—Ao mesmo, perguntando-lhe si não tem olhos para ver o estado em quo se acha a saccada do 1.^o andar do sobrado n. 5 á Rua Direita do Collegio, e ordenando-lhe que in continenti dê

providencias para que se desmanche aquella *grampiola*. Cumpra.

—Capitão, acabo de presenciar um factó, que, ao mesmo tempo que contristava-me, desafiava-me o riso.

—Que miscellanea foi essa?

—Ver os doudos carregar carvão da pedra.

—Que doudos? Não lhe intendo...

Ou V. é que está doudo?

—Os doudos da Santa Casa, que as irmans de charidade pozeram a carregar carvão do Terreiro para dentro do hospital.

—E elles se prestavam a isso?

—Porque não? Ja sabe que não eram os doudos furiosos.

—Pois a Santa Casa ja não pode pagar a quatro ou seis ganhadores, que lança mão daquelles infelizes para carregar carvão?

—Economias das irmans de charidade.

—Quer o Sr. dizer com isso que é para haver mais dinheiro, para ellas terem bom vinho do Porto, gallinha gorda, excellente fiambre, etc.

—V. Ex. é quem está dizendo.

Porém causava riso ver com que gatimanhas trabalhavam elles

E que pedacinhos aproveitaveis sahiam irreflectidamente daquellas bocas!

Gostei de uma douda que perguntou

a outra, ao ver o povo que as observava, o que fazia alli tanta gente, ao que respondeu a outra — *é para ver doudo;* e ella retorquiu — *tem muita graça ver gente sem juizo!*

Não sei como as irmãs de charidade consentiam que estivesse tambem nesse serviço, uma mulher branca cuja camisola estava bastante indecente pelos vestigios que apresentava!

— Eu não sou apologista da distincção de côres, porém admira-me que essas *senhoras charidosas*, que são tão susceptiveis, ponham uma mulher de sua côr a carregar carvão n'um cesto á cabeça!

— Todo povo que apinhado observava reprovou isso, por não ser costume nesta terra.

— Porém como era praticado por estrangeiras, não faz mal

— Sabe me dizer como é um negocio de defloramento que anda ahí?

— Homem, o que eu ouvi dizer foi, que uma preta á Barroquiua offerecêra a dous rapazes, uma menina de 13 annes por certa quantia, e que estes condoidos, a levaram ao Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que mandasse para um pio estabelecimento; que elles, e mais outros, se colisavam para sustentá-la, porém que S.S. nada deliberou, porque teve escrupulo em usurpar as attribuições do juiz de orphãos! e entregou-a a uma velha de crepita que se apresentou reclamando-a.

— Só?

— É o que sei.

— A carne verde estes dias tem sido horrivel!

Na segunda feira, por exemplo, fazia nojo olhar para ella na maioria dos talhos.

— Ora está V. a repisar tantas vezes uma cousa a que ninguem dá assumpto!

— Então é desnecessario que se pague a um medice e mais empregados, incumbidos de similhante commissão.

— O vaporzinho *Riachuelo* está mudando a machina, preparando-se,

aceiando-se, etc., mandou-se-lhe deitar mais um pé de cobre, além do que já tinha emfim está se pondo *chique*,

— Para que todo esse aparato?

— Dizem que vae no domingo conduzir os menores aprendizes ao Bomfim, que vão em romaria levar uma mão e a cabeça de cêra do Sr. vice-inspector.

— Bom! bom! Está direito!

— Lê-se nos jornaes desta capital:

« O DEZ. LUIZ ANTONIO BARBOSA DE ALMEIDA.

« Entregue a meus unicos recursos, á estima do publico, e á dedicação de meus amigos, assim como á opinião dos homens de bem, que invoco depois dos ultimos acontecimentos, declaro que continuo a ser candidato a um logar na camara dos deputados pelo circulo desta capital.

Bahia 20 de fevereiro de 1867.

L. A. BARBOSA DE ALMEIDA. »

— Ora que a companhia do Gaz ha de viver a beber o suor do povo inevitavelmente, sem haver quem lhe tome conta dos desmandos!

Clama-se, e é o mesmo que nada, todos são surdos!

O Sr. inspector da illuminação quer passar por tão zeloso de suas obrigações, como consente que se apaguem os lampeões, na maior parte das ruas, das tres e meia ás quatro horas?

— Tambem o homem não pode prever a tudo.

— Para dar um colorido, deixam em certos logares os lampeões accessos até ás 5 horas, porém no geral, é o que se vê, além de luz morta, ás tres e meia trevas.

— Tambem o que se faz na rua á certas horas?

— Estão no seu direito; em quanto venta, molhar as vellas.

A PEDIDO.

— Rapazes do bom tom, alerta!

Preparem-se para ir ao baile mascarado no theatro de S. João, que está cousa do gosto.

Ha este anno maravilhas ainda não vistas; além de excellente musica, opi-para meza, vinhos confortaveis, os infalliveis sorvetes, doces e mais traquinadas.

Por tanto é preciso não faltar, mocidade folgazan.

— Assim, meu Tiberinho, assim! ...

Isso é o que justamente se chama jogar com pião de dous bicos!

Renunciar, em quanto o boecado estava duvidoso, logo que apanhou-o feito, agarral-o com unhas e dentes!

— E creia na abnegação desses pescadores d'agua turva! Na honradez desses egoistss, cujos titulos são somente o terem encontrado uma quadra de se armarem e deixarem de o fazer!

— Eu bem comprehendo a esses manipações politicos! Quando não pedem brar proveito proprio, retiram-se e abandonam os correligionarios, quando apparece occasião de empolgarem a mamata, surgem logo na arena!

— São homens que vivem so parasi. A humanidade resume-se no seu eu.

Sr. Redactor. — Na noticia que dá o *Alabama* sobre o occorrido na venda do Sebastião com o Mathias, ha uma incxatidão que cumpre rectificar. O caixeiro não atirou-o ao chão; houve apenas trocas de palavras por não querer Mathias pagar a cachaça que bebera, e nisso atirou elle a garrafa sobre o caixeiro, sendo que todo conflicto se deu em orasião em que o amo se achava em casa jantando.

Quem viu.

— Diz-me uma cousa, Sr. Antonio José?

— Si souber.

— Porque é que o *Fernandes* do trapiche do *Barna*, com seu -- B -- infringe constantemente o regulamento d'alfandega, e não é multado?

— Eu sei lá...

— O regulamento manda proceder immediatamente a pezada e numeração e esse *teso* demora-n'a por 15 e mais dias, sem por isso nada soffrer, ao passo que outros por menos são multados.

— E' o dedo do *Lima* que anda no meio.

— E ainda isso não é tudo: quando as partes reclamam, são acremente maltractadas, e vêem cahir sobre si um chuveiro de insultos.

— E' soffrer com paciencia, estas e outras.

— Não é possível soffrer mais; a paciencia esgotou-se e ja que não ha quem dê providencias, vou ao capitão do *Alabama*, para que mande o seu infallivel muxingueiro tomar contas a esse *teso* malcreado, e passar-lhe nas ventas uma boa dose de *lambadas* com o seu azorrague.

— Pois então, vá logo; não demore-se.

VARIEDADE.

OS VOLUNTARIOS DA PATRIA.

IV.

O vaqueiro.

Meas pais e irmãos da *secca* foram victimas
Na terra estou sósinho....

Eu posso ir para a guerra sem receio
De encher de dores na partida o seio....
A caminho, a caminho!

O *patrão* me contou façanhas horridas
Dos crueis paraguayes!

A raiva me transporta, e o brasileiro
Desaffrontando injurias é—guerreiro
E tem na mão mil raios!

Vamos, vamos! D'ouros os hombros cobré-me
O *gibão* riço e fórtel!

Agora quero a farda,—o nobre traje
De quem nos prelios, repellindo o ultrage,
Vê sem tremer a morte!

Heide pisar as terras desse despota
Co'a a maior alegria!

Cobertas d'espineiros... muito embora!
Mandacarús me ferem desde a aurora
Até findar o dia!

Nas mattas, á cavallo, ardente embrenho-me
Na mais febril corrida!

Persigo o *tourro*, onde elle passa, en passo,
Ferrão em punho, despresando o laço,
Até tirar-lhe a vida!

Pode, pode fugir Solano estolido,
De meus irmãos sicario!

Mas verá como o segne, audaz, ligeiro,
Sem parar, sem cançar, pobre vaqueiro
Do Norte voluntario.

(Canções patrioticas.)

INSPIRAÇÃO NO ADRO DO BOMFIM.

No tempo de Adão, o mundo
Se chamava paraizo,
Tudo então era ventura
Prazeres, flores, o riso,
Crescei e multiplicai-vos,
Era a lei então seguida,
Não haviam ciúmidas
Passava-se bella vida.

Dez, vinte, trinta mulheres,
Cincoenta, com até mil,
Podia ter quem quizesse
Sem despende um ceutil.
Não havia essa impostura
Chamada moralidade,
Esses tantos prejuizos
Da louca sociedade.

Ser freira, naquella tempo
Fôra horroroso peccado,
Nem em semelhante cousa
Alguem havia pensado.

Deus fez a mulher p'ra o homem,
E para o homem a mulher,
Do mundo a felicidade,
E' somente o que Elle quer.
E juntando-os, disse: Avante
O mundo é vosso gosai,
E p'ra gloria de meu Nome
Crescei e multiplicaie.

Mas, a barbara e horrivel,
Treda civilisação,
Fez gemer o mundo inteiro
Co'a sua fero oppressão.

A charidade hoje em dia
E' a virtude exemplar,
Honra! honra! eis a palavra
Que mais se ouve echoar.

Edeou-se casamentos,
De interesse, e de amor,
Mais com tantas etiquetas
Que perdem todo o valor.

Vamos ver se conseguimos
Ao mundo reformar,
Ja que temos a certeza
Que ninguem mal se hade dar.

ANNUNCIOS

Quem tiver algum documento que diga respeito as trampolinas e saçanhas do famigerado *Medonho* estando sella-

do e legalizado, de conformidade com as leis do paiz o quizer vendel-o, nesta typographia se indicará a pessoa que os compra. Gratifica-se tambem a quem indicar onde existem (documentos dos quaes se possam tirar publica forma.

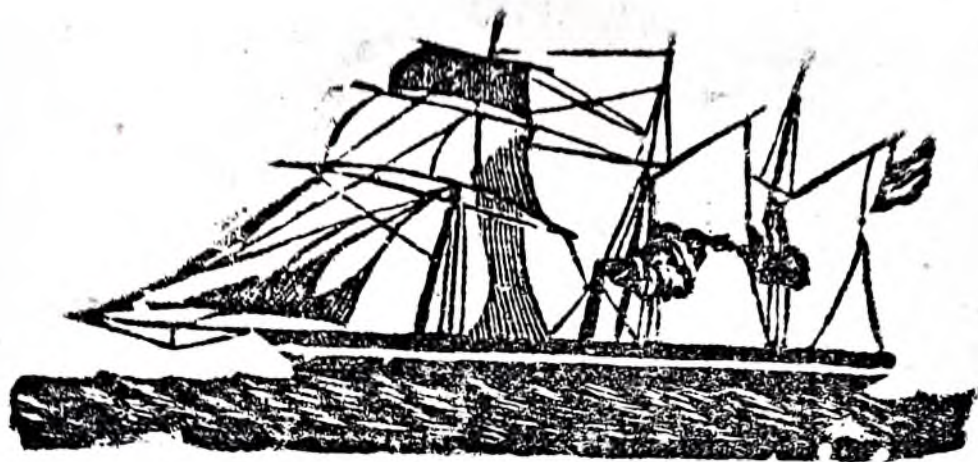
Qualquer publicação a respeito desse *indomito industrial* será publicada gratuitamente por conta da pessoa alludida.

A pessoa que perdeu na noite de 21 do corrente na estrada do Gantua uma camisa, um par de meias e um lenço de rapê, pode procurar na rua que fica em *Baixo*, loja n.º 5; pagando a uezpeza do annuncio.

O abaixo assignado, tenente reformado do exercito, tendo de seguir para o Pará no mez de março do corrente anno, como determina o governo da provincia, de conformidade com o aviso do ministerio da guerra de 22 de dezembro ultimo, e não tendo quem possa encarregar-se do negocio de seu estabelecimento, sito no Campo da Polvera, convida áquellas pessoas, que tem alli objectos empenhados, a resgatal-os até o dia 28 de fevereiro proximo vindouro; advertindo de que os penhores vencidos, não retirados até este dia, serão em 8 de março seguinte vendidos em leilão, na forma do decreto n.º 2602 de 14 de novembro de 1860. Bahia 30 de Janeiro de 1867.—*Raymundo Nonato da Silva.*

Anda fugido o cabra Valentim, escravo, inculcando-se a uns de ter vindo da guerra. e a outros, que é caixeiro de cobrança. Quem o prender e levar ás Portas do Carmo n. 36, será generosamente gratificado.

O abaixo assignado responde ao *Porta de tellas* que nunca teve contractos com vendas do Gravatá, e que por consequencia nada lhes pode dever, mas que se legalmente o contrario se provar, promptissimo se acha a satisfazer-lhes qualquer quantia que seja. Bahia 29 de fevereiro de 1867.—*Darval Alfredo Portella*, alferes honorario do exercito.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

27 DE FEVEREIRO DE 1867.

SERIE 17.^a—N. 169

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

ATTENÇÃO

Esta typographia acha-se mudada para a rua Direita do Collegio n.º 14, 1.^o andar.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do Alabama 26 de fevereiro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que nos informam, que na estrada Dous de Julho, no lugar, que divide o Engenho Velho e Garcia, andam dous desertores de cavallaria, que roubam as pretas ganhadeiras e depois forçam-nas. Pede-se por tanto á S. S. que dê as providencias necessarias.

Portaria ao fiscal geral, dizendo que mais de uma vez se lhe tem advertido de que o rigor da lei não deve ter somente applicação aos pobres, e que por tanto cumpre que S. m. não consinta por mais tempo os cacos de plantas que existem nas janellas do sobrado n. 8 á rua do Bispo. Cumpra.

—Ao fiscal do Sant'Anna, para que responda a razão porque consente certas vendas em Santo Antonio da Mouraria abertas até depois das 10 horas. Cumpra.

—E' permittido que os presos negociem dentro da Casa penitenciaria?

— Não.

—Pois eu vi na repartição do sello sellando-se um *fica* passado a um sentenciado, que emprestou certa quantia a um cujo empregado la.

—Como é negocio entre gente de casa, deixe que vá.

—Capitão, continua a acephalia na povoação da Rio Vermelho. S. S. o Sr. chefe de policia não quer lançar seus olhos benignos para aquelle lugar.

—Que quer que lhe faça? Vá queixar-se ao Gingas.

—Continua-se alli a espancar impunemente.

Não ha muitos dias que o Machado, vendelhão, a quem os rapazes appellidam de *Atôa*, cousa com quelle muito cavaco dá, deu com um facão n'um menino, deixando-o com um braço bastante offendido, e empurrou-se para Alagoa.

Ainda si o menino fosse dos taes que atrapalham o homem com o nome de *Atôa*, bem; porém é de cá da cidade, foi passar o dia lá e de nada sabia.

— Isso não creio.

—E' o que me consta: Machado sahio atraz dos que o atormentavam e foi dando no que encontrou; pagando o ju to pelo peccador.

Tan.b.m consta que um pescador

quebrou a cabeça do outro e ficou a cou-
sa em nada, porque, queixando se, dis-
seram-lhe que desse sua queixa, por-
que pescador não era pobre que preci-
sasse que a policia fosse parte n'um
crime particular.

Além disso, contaram-me que o Sr.
Costa, castigara um pouco rigorosamen-
te a um escravo, o qual fugiu e veio
queixar-se á policia. O Sr. Costa foi
chamado, e conseguiu provar e per-
suadir a mesma que o preto era pess-
imo e de má indole, e como satisfa-
ção exigiu que fosse elle castigado
com cem açoites. O Sr. Galeão deu
apenas permissão para cincoenta: *Cin-
coenta chicotadas* foram estas, que
o miseravel lá anda pelo Rio Vermelho
com as nádegas em putrefacção a exalar
pessimo cheiro, causando lastima a
todos que presenciam tão deshumano
espectaculo.

— Si é assim, não deixa de ser cruel-
dade.

— Quem me contou asseverou-me,
e disse que qualquer pessoa podia vel-
o no Rio Vermelho.

— Quanta coisa se assevera por
ahi e inexacto, homem!

— Lê-se nos jornaes desta capital:
« O DEZ. LUIZ ANTONIO BARBOSA DE
ALMEIDA.

« Entregue a meus unicos recursos, á
estima do publico, e á dedicacção de
meus amigos, assim como á opinião dos
homens de bem, que invoco depois dos
ultimos acontecimentos, declaro que
continuo a ser candidato a um logar na
camara dos deputados pelo circulo des-
ta capital.

Bahia 20 de fevereiro de 1867.

L. A. BARBOSA DE ALMEIDA.»

— A companhia do olho-vivo, na
semana passada, deu *golpe* em 150\$
rs. de um pobre preto lá para o Engenho
da Conceição. O prejudicado recorreu
ás authoridades; e os sujeitos po-
zeram-se no *pulo*; porém por interme-
pio de um *valido*, a quem, valha a ver-
dade, doram 50\$ rs., conseguiram sere-
nar a tempestade.

— Essa gente do olho vivo é do dia-
bo; são capazes um dia de roubar o re-
logio do chefe de policia.

LA VAE VERSO.

O EX-ELEITO R.

(IMITAÇÃO)

Foi um valente soldado
Na campanha eleitoral;
Fabricar um deputado
Como eu, não via equal!...
Tinha um verbo eloquente
Para enganar os votantes...
Faziam pasmar a gente
Miúdas arengas brilhantes!

Com o riso sempre alerta,
Sabia á recutar votos;
Quando via porta aberta,
Com meneiados devotos
Eu dizia: — «chêro amigo,
Venho pedir-lhe um favor...»

— «Falle.» — «...quer votar comigo?»
— «Mas...» — «Aqui tem, emanda o doutor.

E, sem reposta esperar,
Untava-lhe as unhas bem,
— «Isso é ó para mostrar....

Lá p'ra diante, mais tem.»
E mui contente o capanga,
Risonho e comprimenteiro,
Enrolando a suja manga
Dava o *sim*, muito lamproiro!

E depois, de casa em casa,
Esse *sermão* repetia,
E, sem perder uma vasa,
— Oitenta votos por dia! —

Não é exageração;
Tanto assim que no partido,
O digo com presumpção,
— Fui sempre *cheirado* e ouvido....

Apenas a prima alva
Erguia alegre a carinha,
Um figurão, núa a calva.
Batêr-me ao ferrolho vinha:
— «Como passou chêro amigo?

Julguei achal-o de pé...
Trazia-lhe aqui comigo
Ninharia.....pouco é.....»

E sacando d'algibeira
Um genuino canario:
— «Isso é para ir a feira,
Não lh' o dou como salario...!» —

E eu alegre corria
A mettê-lo na gaiola...
Ao figurão me sorria

Mas o chamava patola,
Nota bene: si voltado
 Eu via o nobre patrão
 De frente—«Senhor d' patado,
 Sustentac'lo da nação,
 Hei de ver vos a excellencia,
 Ja o coraçã m' o diz,
 —Dar lições de *clemencia*
 Nos negocios do paiz....»
 E corteziã fazendo
 D'essas de lamber o chão,
 Grande importancia fui tendo,
 E galgando... posição!
 Quatro annos fui potencia,
 Era graúdo eleitor.....
 Tive o trato de excellencia,
 E em familia—meu senhor!..
 Quando sabia a p'sseio,
 Vinha outro figurão:
 —«Pois a senhora não v'io?
 Os pequenos como estão....?
Mas, quando passa a *punqueca*
 Do processõ eleitoral,
 —O eleitor é um petéca,
 O diploma nada v'l....!
 Porém com tudo é potencia
 No *aperto* da eleição;
 Tem co'os grandes convivencia
 E muita coisa lhe dão;
 Então—o voto—é a vida
 Muito *vale* o eleitor!
 Nobres de cara garrida
 Eh' o suplicam sem *rubor*...
 E assim, si desprezado,
 Dado o voto, é o eleitor,
 Antes disso é adulado,
 E' chamado—meu senhor....
 Si servimos, mais nos servem
 Com os *canarios* que dão,
 Depois disso não nos devem
 —Nem si quer a gratidãe!—
 O voto arranjem rapaz s;
 Nosso dia vae chegar!
 Veremos nobres *audaces*
 Até nossos pés heijar...!
 Somos, Povo, *MAGESTADE!*
 Eia!... sus!... por nossa vez
 Teremos, não sem vaidade,
 Figuriões aos nossos pés!

C. Jacarandá.

A PEDIDO.

—E digam lá que não ha um *candido*
 impuro!

—Quem é elle?

—Aquello administrador de *bombas*
machas, que anda de *machado* em punho
 e para quem a *fortuna* roda: leve a
 malvadeza de mulctar o creoulo do *Ca-*
millo em 4\$ rs, á pretexto de ter ido á
 venda e depois despediu-o; somente
 porque o rapaz não se quiz sujeitar a
 seus caprichos.

—E o que queria elle?

—Queria que o rapaz deixasse o seu
 que fazer e fosse lhe *deseascar pevides*
 para elle *comer* em santo ocio!

—Tem um gosto extravagante o tal
 sujeito.

Antes elle desse para comer certa
 cousa, ao menos os monturos andavam
 limpos e a empreza da limpeza tinha
 menos trabalho.



—Capitão, aqui está um papel, que
 achei, quando abri a porta.

—Leia.

—Diz assim:

«Vendo um annuncio no *Alabama*,
 em que se promete a publicação gra-
 tis de qualquer façanha e tranpolina pra-

ticadas pelo bugre e infame Medonho, e tendo muitas queixas d'esto tratante e safado homem, remetto á V. Ex. este pedacinho do que sei:

Quando estava a Joaquina do André Gallinaceo em casa d'este animal de infima raça, e quando elle ja não tinha mais o que roubar da pobre preta, tratou de deital-a para fora de casa; porém ella, coitada, tornou-se renitente não querendo sahir da casa do sicario, porque estava na esperança de receber alguma cousa por conta do que o corvo Medonho lhe tinha roubado.

Sabe o que fez esse rato?

Propoz ao official de justiça de nome *Xavita* o dar-lhe uma grossa quantia para elle vir com um papel phantastico, fingindo um mandado de despejo, por ordem do subdelegado, para a preta intimidada sahir da casa.

O pobre official de justiça, com o interesse de ganhar do safado o dinheiro que lhe tinha promettido, executou a pantomima, commettendo um crime, que lhe podia custar caro.

A pobre preta inexperiente, vendo-se ameaçada com prisão, julgando que era verdade, tratou de por-se fóra.

Sabe o que fez o safado Medonho, com o official de justiça?

Nem dez reis deu-lhe pela commissão. Pelo contrario, ficou mal com o homem; nem mais lhe tirou o chapéu.

Veja que ladrão! Porém bem feito seja ao tal official de justiça, por não tomar a gratificação adiantada.

Valha-me S. Lazaro.

(*Continúa.*)

—Desejava saber do Sr. afferidor de pesos e medidas uma cousa.

—E' dirigir-se a elle.

—Queria perguntar-lhe se pelas medidas de metade de meia quarta sem virola de metal tambem se recebe 600 rs.

—Isto posso eu mesmo responder-lhe: E' de meia quarta para cima. Por que? *elle recebeu?*

—Era apenas uma pergunta que queria fazer, sem affirmar que elle recebesse.

VARIEDADE.

MODO DE CONHECER SE UMA MENINA AMA.

Ha meninas que tem, sem se sentir, o habito de olhar fixamente para um rapaz; isto; quando é em uma moça galante e dos olhos travessos, faz uma impressão diabolica.

Para conhecermos si o fito d'aquelle olhar é declaração de amor, prazer de nos avistar, ou habito sem segundas tenções, devemos reparar na maneira porque ella retira os olhos.

Si é com a mesma negligencia, ou sangue frio com que os lançou—não é nada.—

Si é atrapalhadamente, pode ser—alguma cousa.—

Si é abaixando-se assim, assim...—está na conta.—

Tire-se a prova real, que é: reparar no corado das faces.

ESPECULAÇÃO DE CERTOS PAIS DE FAMILIA INDUSTRIOSOS.

Tomar medico por co padre para ter visitas de graça.

Convidar logistas para tomar chá, afi u de não levarem dinheiro pelo que se compra.

Exagerar as habilidades das filhas para ver si ássim as embutem em casamento aos papalvos.

Chamar a mulher para a salla, para o credor se envergonhar de pedir a divida:

ANNUNCIOS

O abaixo assignado, tenente reformado do exercito, tendo de seguir para o Pará no mez de março do corrente anno, como determina o governo da provincia, de conformidade com o aviso do ministerio da guerra de 22 de dezembro ultimo, e não tendo quem possa encarregar-se do negocio de seu estabelecimento, sito no Campo da Polvora, convida áquellas pessoas, que tem alli objectos empenhados, a resgatal-os até o dia 28 de fevereiro proximo vindouro; advertindo de que os penbores vencidos, não retirados até este dia, serão em 8 de março seguinte vendidos em leilão, na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860. Bahia 30 de Janeiro de 1867.—*Raymundo Nonato da Silva.*